

**Os inventários dos bens de Amato Lusitano,  
Francisco Barbosa e Joseph Molcho, em Ancona, na  
fuga à Inquisição (1555)<sup>1</sup>**

**The inventories of the possessions of Amato Lusitano, Francisco Barbosa  
and Joseph Molcho fleeing the Inquisition in Ancona (1555)**

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE & HUGO MIGUEL CRESPO<sup>2</sup>  
*Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro / Centro de História  
da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Portugal*

**Abstract:** The *autos-de-fé* which took place in Ancona, between April and June 1556, during the pontificate of Pope Paul VI, stand out as one of the most tragic episodes of the Sephardic Diaspora in the Italic Peninsula in which about three dozens of Portuguese Jews were slaughtered. The papal commissioners began by confiscating and drawing up an inventory and estimating the possessions of numerous members of the Jewish-Portuguese community, between August and November 1555, shortly after cardinal Carafa ascended to the pontifical solium. Among those whose possessions have been listed (there are 48 extant inventories) one finds the names of two prominent physicians, Amato Lusitano and Francisco Barbosa, and that of an apothecary, Joseph Molcho, one of the martyrs of the *autos-de-fé*. This study seeks to contextualize these events by focusing on the particular situation experienced by these three personalities of the Portuguese Nation, as well as to provide a thorough analysis of the inventories of their possessions. These inventories, which represent exceptional testimonies of the home and professional environments of these figures of the Jewish-Portuguese community, allow an intimate knowledge and a privileged access, even if by approximation, to their activities and personalities, through the type of objects they have chosen or were able to be surrounded by.

**Keywords:** Amato Lusitano; Francisco Barbosa; Joseph Molcho; Portuguese Nation; Ancona; Inquisition; Inventories.

---

<sup>1</sup> Texto recebido em 12.11.2012 e aceite para publicação em 13.12.2012. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de I&D «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano» do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no quadro do projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

<sup>2</sup> aandrade@ua.pt / hugomiguelcrespo@gmail.com.

**I.1.** A presença da comunidade judaico-portuguesa na praça de Ancona remonta ao período em que este ducado perdeu definitivamente a sua independência, em 1532, convertendo-se num território sob administração papal. Atraídos, desde então, pelas garantias e privilégios oferecidos pelas autoridades pontifícias, os cristãos-novos portugueses foram-se estabelecendo em número crescente na cidade dórica. Formaram uma comunidade numerosa e particularmente activa nas margens do Adriático, que foi crescendo e ganhando uma importância e notoriedade cada vez maior, fruto da sua notável capacidade, experiência e perfeita articulação em intrincadas redes familiares, que operavam activamente nas maiores praças, desde Portugal até ao Império Otomano.

No entanto, pouco mais de vinte anos volvidos, a Nação Portuguesa de Ancona sofreu um rude golpe, do qual nunca se restabeleceria por completo, na sequência da acção determinada e intolerante de Paulo IV, cujo pontificado teve início no final da Primavera de 1555. Os autos-de-fé de Ancona, entre Abril e Junho de 1556, constituíram um dos episódios mais trágicos da diáspora sefardita na Península Itálica, no qual foram martirizados cerca de três dezenas de judeus portugueses. Os comissários papais começaram por apreender, inventariar e avaliar os bens e haveres de dezenas de membros da Nação Portuguesa, entre os meses de Agosto e Novembro de 1555, pouco depois da ascensão do cardeal Carafa ao sólio pontifício. Entre aqueles que viram os seus bens arrolados (subsistem 48 inventários), encontram-se dois reputados médicos, Amato Lusitano e Francisco Barbosa, e um boticário, Joseph Molcho, um dos mártires dos autos-de-fé.

**2.** O estabelecimento da Nação Portuguesa em Ancona, ponto nevrálgico onde se cruzavam as rotas do Ocidente e do Oriente<sup>3</sup>, iniciou-se quase em simultâneo com a perda definitiva da independência do ducado, em 1532, quando este território passou

---

<sup>3</sup> Sobre o papel nevrálgico da praça de Ancona no século XVI, cf. Jean DELUMEAU, "Un ponte fra Oriente e Occidente: Ancona nel Cinquecento": *Quaderni Storici* 13 (1970) 26-47.

a estar sob administração pontifícia. Alguns anos antes de Hércules II, duque de Ferrara, ter procurado atrair para os seus domínios os mercadores cristãos-novos portugueses, estantes nas maiores praças do norte da Europa, as autoridades responsáveis pelo novo estado papal desencadearam algumas acções semelhantes, embora de menor alcance, junto dos mesmos destinatários. Os predecessores de Paulo IV, interessados sobremaneira no desenvolvimento económico de Ancona, favoreceram a vinda dos cristãos-novos portugueses para a cidade dórica através da concessão de privilégios e liberdades assinaláveis.<sup>4</sup> Entre 1532 e 1533, houve várias famílias que responderam afirmativamente aos primeiros apelos, materializados na carta-patente do cardeal Benedetto Accolti a favor dos mercadores ‘Levantini, Turchi, Greci, Ebrei’<sup>5</sup>, tendo enviado para Ancona representantes das suas casas

---

<sup>4</sup> Sobre os privilégios atribuídos aos cristãos-novos portugueses pelos antecessores de Paulo IV, cf. Elio TOAFF, “Nuova luce sui Marrani di Ancona (1556)”: TOAFF, Elio *et alii*, (direcção de), *Studi sull'ebraismo italiano in memoria di Cecil Roth*, Roma, Barulli, 1974, 163-164; Idem, “L’ Universitas Hebraeorum Portugallensium di Ancona nel cinquecento. Interessi economici e ambiguità religiosa”: *Mercati, mercanti, denaro nelle Marche (secoli XIV-XIX). Atti del Convegno-Ancona, 28-30 maggio 1982*, Ancona, Presso la Deputazione di Storia Patria per le Marche, 1989, 115-137; Shlomo SIMONSOHN, “Marranos in Ancona under Papal Protection”: *Michael* 9 (1985) 234-267; Renata SEGRE, “Nuovi documenti sui Marrani d’Ancona (1555-1559)”: *Michael* 9 (1985) 130-132; Aron di LEONE LEONI, “Per una storia della nazione portoghese ad Ancona e a Pesaro”: Pier Cesare IOLY ZORATTINI, (direcção de), *L’identità dissimulata: giudaizzanti iberici nell’Europa cristiana dell’eta moderna*, Florença, Leo S. Olschki, 2000, 47-54 e 65-68.

<sup>5</sup> A carta-patente do cardeal Benedetto Accolti, primeiro governador pontifício de Ancona, em 1532, foi publicada por P.-M.-N.-J. GÉNARD, “Personen te Antwerpen in de XVI<sup>e</sup> eeuw, voor het «feit van religie» gerechtelijk vervolgd. Lijst en ambtelijke bijhorige stukken”: *Antwerpsch Archievenblad / Bulletin des Archives d’Anvers*, 7, [ca. 1870] 201-205, ref. 247-249 (*Vrijbrief van Kardinaal Benedictus de Accoltis – 21-IX-1532*); Aron di LEONE LEONI, “Per una storia della nazione portoghese ad Ancona e a Pesaro” [...] 87-88, doc. 1.

comerciais, cuja sede estava, então, estabelecida na Flandres, em Inglaterra ou mesmo em Portugal.<sup>6</sup>

A família Pires-Cohen encontra-se entre os primeiros comerciantes portugueses a estabelecer-se e a manter relações comerciais privilegiadas com a praça de Ancona desde 1533, através da viúva Dona Guiomar e de Sebastião Vaz, quando Henrique Pires ainda permanecia em Portugal na companhia do filho, Diogo Pires, e do sobrinho, Amato Lusitano.<sup>7</sup> Esta família foi pioneira no movimento de deslocação de norte para sul, que viria, com o passar do tempo, a assumir uma dinâmica e uma dimensão extraordinárias, tanto em Ancona como sobretudo em Ferrara. Esta actividade dos cristãos-novos na praça de Ancona, desde os primeiros anos da década de 30, está na origem do empório que os portugueses constituíram no estado papal, sobretudo nas décadas de 40 e 50.

O sucesso alcançado nestas primeiras iniciativas comerciais rapidamente levou a que se constituísse na cidade dórica uma cada vez maior comunidade judaico-portuguesa. A partir do final da década de 30, deu-se um incremento notório do número de

---

<sup>6</sup> Sobre os primeiros comerciantes portugueses a estabelecer-se em Ancona, veja-se Viviana BONAZZOLI, “Ebrei italiani, portoghesi, levantini sulla piazza commerciale di Ancona intorno alla metà del Cinquecento”: GOZZI, Gaetano, (direcção de), *Gli Ebrei e Venezia: secoli XIV-XVIII. Atti del Convegno internazionale organizzato dall'Istituto di storia della società e dello stato veneziano della Fondazione Giorgio Cini (Venezia, Isola di San Giorgio Maggiore, 5-10 giugno 1983)*, Milão, Edizioni Comunità, 1987, 727-770; Idem, “Una identità ricostruita. I portoghesi ad Ancona dal 1530 al 1547”: *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 5 (2001-2002) 9-38; e Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghesi di Ancona, Pesaro e Venezia*, Tomo I [-II] (edição de Laura Graziani SECCHIERI), Florença, Leo S. Olschki, 2011, 189-196.

<sup>7</sup> Para uma análise pormenorizada da constituição e das actividades da família eborense Pires-Cohen, cf. António M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (reprodução policopiada – dissertação de doutoramento), cuja primeira parte (1-134) traça um esboço biográfico de Diogo Pires e da sua família.

mercadores cristãos-novos presentes em Ancona, o que originou um aumento assinalável do volume de transacções efectuadas.<sup>8</sup> O comércio de tecidos de produção ocidental constitui o negócio principal dos mercadores portugueses, que têm, como segunda actividade mais relevante, a importação de peles e couros provenientes dos Balcãs.

Os Pires mantiveram-se sempre activos em Ancona. As actividades comerciais de Manuel Henriques, irmão de Diogo Pires e primo de Amato, estão referenciadas desde 1537 e intensificam-se bastante durante a década de 40, passando a ser o agente principal dos Pires no estado papal até à transferência da família de Ferrara para Ancona. À semelhança da maior parte dos mercadores portugueses, Manuel Henriques pratica o comércio de tecidos importados do norte da Europa, transaccionando igualmente peles e couros, havendo um número significativo de registos documentais das suas operações de importação e exportação.

Existe uma complementaridade evidente entre o comércio de tecidos e o de peles e couros. A generalidade dos mercadores portugueses exportava uma parte dos tecidos ocidentais provenientes do norte da Europa para Ragusa (o nome italiano pelo qual era, então, vulgarmente conhecida a cidade de Dubrovnik), que constituía a porta de entrada do Império Otomano, procedendo, simultaneamente, à importação de peles e couros, num constante e complementar fluxo e refluxo de mercadorias, onde vendedores e compradores trocavam de posição consoante a mercadoria de que se tratasse. Viviana Bonazzoli descreve com extrema precisão esta complementaridade:

*A livello dei circuiti di importazione-esportazione, l'inserimento dei portoghesi nel commercio di cuoi e pellami indica che si è ormai saldato quel nesso fra loro e gli ebrei levantini che negli anni successivi diventerà ancora più stretto e che dà luogo ad un canale diretto di commercializzazione fra tessuti in uscita, verso il Levante, e cuoi e pellami in entrata, dal Levante. Gli esempi di transazioni riportati in precedenza, nelle quali i*

---

<sup>8</sup> Cf. Viviana BONAZZOLI, “Una identità ricostruita [...]”, 20.

*portoghesi figurano come parte venditrice di tessuti e il levan-tini nel ruolo di acquirenti sono speculari a quelle in cui questi ultimi figurano come parte venditrice di cuoi e pellami e i portoghesi come acquirenti.*<sup>9</sup>

Os inventários dos bens arrolados, em 1555, aos cristãos-novos portugueses pelos comissários pontifícios comprovam, em muitos casos, esta realidade, porquanto entre as mercadorias descritas e avaliadas avultam os tecidos e as peles, como adiante se verá, a título de exemplo, no que concerne a Francisco Barbosa.

**3.** Na sequência do penoso processo de falência da sociedade comercial que os Pires-Cohen haviam estabelecido com Hércules II, pouco depois da sua chegada a Ferrara, vários membros da família, entre os quais figuram Amato Lusitano e Diogo Pires, começaram a deslocar-se para Ancona por volta de 1547, onde passaram a estabelecer a sede das suas actividades. Não restam dúvidas de que a falência da sociedade com Hércules II constituiu um golpe bastante profundo em toda a organização da Casa Pires, constituindo, a nosso ver, a razão fundamental que motivou a saída de Ferrara.<sup>10</sup>

Não obstante o fulgor de tempos passados, a Casa Pires não mais recuperaria totalmente das perdas avultadas que havia sofrido no ducado de Este na sequência da falência da sociedade com Hércules II. Por conseguinte, a deslocação para Ancona ficou marcada por um declínio acentuado da actividade comercial. Em sentido inverso, porém, corria a projecção alcançada por Amato Lusitano e por Diogo Pires: um adquirira merecida fama enquanto médico e professor da Universidade de Ferrara, o outro enquanto poeta de eleição com obra publicada e reconhecida. Vieram à luz, neste período anconitano, as obras com que Amato Lusitano granjeou fama como médico, sejam as inovadoras *Centúrias de Curas*

---

<sup>9</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 30.

<sup>10</sup> Para uma análise pormenorizada do percurso e actividades da família Pires em Ferrara, cf. António M. L. ANDRADE, “De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família”: *Medicina na Beira Interior. DaPré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 25 (2011) 5-16.

*Medicinais*, cuja publicação teve início em 1551, sejam os *Comentários* a Dioscórides, cuja primeira edição saiu dos prelos em 1553.<sup>11</sup>

Amato Lusitano e Francisco Barbosa<sup>12</sup> estabelecem-se, em permanência, quase ao mesmo tempo em Ancona, depois de terem passado alguns anos em Ferrara. As notícias sobre o médico Francisco Barbosa são mais escassas. Até há cerca de duas décadas, eram apenas conhecidos os dados que o próprio Amato Lusitano oferecia nas suas obras sobre o amigo e colega de profissão.<sup>13</sup> No entanto, o estudo de fontes notariais italianas tem permitido,

---

<sup>11</sup> O objectivo principal do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” é a edição e tradução dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque [...] enarrationes* (Veneza, 1553). Além disso, está prevista a tradução de mais duas obras directamente correlacionadas com os livros do humanista português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides sobre a matéria médica; a jusante, a do livro intitulado *Apologia aduersus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) da autoria do humanista Pietro Andrea Mattioli.

<sup>12</sup> Este apelido surge grafado nos documentos notariais de Ferrara e de Ancona de diversas formas, sendo a mais comum ‘Barbosio’ ou ‘Barbosius’, surgindo também ‘Barbosio’ e ‘Barbosa’. Amato latiniza-o como ‘Barbosius’. Não obstante estar atestado em Portugal o apelido ‘Barbosio’, ao invés de um suposto ‘Barbósio’, adoptámos a forma mais comum ‘Barbosa’, por termos como certo que foi esse o verdadeiro apelido do médico português.

<sup>13</sup> Estes dados foram apresentados sumariamente no capítulo dedicado a Barbosa do artigo de Harry FRIEDENWALD, “The Medical Pioneers in the East Indies”: *Bulletin of the History of Medicine* 9.5 (1941) 492-494. Um diálogo sobre a pulsação, em que intervêm Amato Lusitano, Francisco Barbosa e Andrés Laguna (*Cent.* 3.44), foi traduzido para inglês por Harry FRIEDENWALD, “A Sixteenth Century Consultation of Doctors Amatus, Laguna and Barbosius”: *Bulletin of the History of Medicine* 9.2 (1941) 199-209. Este mesmo diálogo, que assenta numa consulta que Amato faz ao próprio Francisco Barbosa, mereceu um estudo aprofundado de Miguel Ángel GONZÁLEZ MANJARRÉS e Maria Jesús PÉREZ IBÁÑEZ, “Andrés Laguna y Amato Lusitano, el desencuentro de dos humanistas médicos”: GRAU I CODINA, Ferran, (direcção de), *La Universitat de València i l’Humanisme. Studia Humanitatis i renovació cultural a Europa i al Nou Món*, València, Universitat de València – Departament de Filologia Clàssica, 2003, 699-706.

nos últimos anos, complementar as informações dadas pelo médico albicastrense, tornando possível traçar um retrato mais pormenorizado desta interessante figura e das suas múltiplas actividades religiosas, financeiras, comerciais e médicas.<sup>14</sup>

As relações entre Amato Lusitano e Francisco Barbosa remontam pelo menos aos primeiros anos da década de 40, quando ambos estavam ainda estabelecidos em Ferrara. No primeiro acto notarial conhecido, datado de 10-XII-1543, Francisco Barbosa, estante em Ancona, é constituído procurador do mercador Fernando Peres Coronel.<sup>15</sup> No entanto, terá vivido durante alguns anos em Ferrara, no período anterior à sua fixação em Ancona, por volta de 1546, juntamente com outros membros da família; no ano seguinte, Amato seguiu o mesmo caminho.

Antes de ter chegado à Península Itálica, Francisco Barbosa exerceu medicina durante 18 anos na Índia, o que ocorreu, *grosso modo*, durante as décadas de 20 e 30 de Quinhentos. É, portanto, um dos médicos portugueses pioneiros no Oriente, que regressa à Europa e convive de perto, em Ferrara e Ancona, com o médico albicastrense no período em que este redigia afanosamente os seus comentários a Dioscórides. No comentário dedicado à pedra aetita ou pedra-de-águia (*De aetite, lapide aquilae dicto*)<sup>16</sup>, Amato apresenta Francisco Barbosa como testemunha ocular de uma experiência que realizou para comprovar, sem êxito, as propriedades atri-

---

<sup>14</sup> Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 315-319, faz uma apresentação pormenorizada dos dados conhecidos sobre Francisco Barbosa e demais elementos da sua família.

<sup>15</sup> Cf. Viviana BONAZZOLI, “Una identità ricostruita [...]”, 24, n. 64; 37, n. 154; Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 734, doc. n.º 267.

<sup>16</sup> *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes eruditissimae doctoris Amati Lusitani medici ac philosophi celeberrimi, quibus non solum Officinarum Seplasiariis, sed bonarum etiam literarum studiosis utilitas adfertur, quum passim simplicia Graece, Latine, Italice, Hispanice, Germanice, et Gallice proponantur. Venetiis*, [apud Gualterum Scotum], 1553, 511 (Lib. V, en. 120: *De aetite, lapide aquilae dicto*): [...] *ut testis fuit Franciscus Barbosius, uir Auicennista, magna praeditus experientia et qui apud Indos per octodecim annos artem medicam exercuit, non sine magno quaestu et honore.*



buídas vulgarmente a esta pedra para provocar ou retardar o parto. Nesse texto, retrata o amigo como um médico de profundo saber e experiência, que é, no seu juízo, um eminente avicenisista.

De facto, a originalidade e profundidade dos comentários de Amato à matéria médica muito ficaram a dever não só ao envolvimento da sua própria família no comércio internacional, mas também aos contactos excelentes que sempre manteve, mesmo depois da saída de Antuérpia, com todos aqueles que podiam dar notícia, muitas vezes em primeira mão, das descobertas e das novidades que afluíam à Europa, vindas de um mundo novo, cujas portas se abriam aos portugueses. Francisco Barbosa constitui, de facto, a prova evidente de como o saber e a experiência adquiridos nas longínquas terras orientais chegavam rapidamente ao conhecimento de Amato Lusitano, não obstante este estar estabelecido a milhares de quilómetros dessas paragens, em Ferrara ou em Ancona. A verdade é que o Ocidente e o Oriente estavam cada vez mais próximos, graças à crescente circulação de pessoas, animais, plantas e muitas outras mercadorias na rota do Cabo.

A este respeito, são bastante significativas as palavras que Amato dedica ao *costo* (*De costo*)<sup>17</sup>, uma planta sobre a existência e identificação da qual muito se discutia e que não era vista na Europa desde tempos recuados. Neste comentário, declara ter visto em Ancona, pela primeira vez, raízes do verdadeiro *costo*, que o próprio Francisco Barbosa lhe ofereceu, trazidas por mercadores portugueses do Oriente. Amato partilha de imediato a novidade com os seus colegas e amigos mais chegados, enviando amostras da raiz para Ferrara e Veneza, para Antonio Musa Brascavola e para outros amigos. Antes de iniciar a descrição pormenorizada do verdadeiro *costo*, o médico albicastrense salienta orgulhosamente o papel ímpar desempenhado pelos portugueses,

---

<sup>17</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 19 (Lib. I, en. 15: *Costus – Falsus costus*): *Commodum haec commentabamur, cum Franciscus Lusitanus qui Anconae agit, mihi aliquot radices dono dedit, quas ab India sub nomine costi allatas esse dicebat, et erant re uera ab India per mercatores Lusitanos, qui illic frequenter negotiantur allatae.*

graças à obra e ao esforço de quem se fica a dever, nas suas palavras, não só o achamento de novas terras, mas também muitas outras descobertas de enorme relevância para o exercício da arte médica, sendo a redescoberta do costo apenas um exemplo.<sup>18</sup>

A renovação do conhecimento médico e farmacêutico assentou, em grande medida, na recuperação e identificação das propriedades curativas dos simples e das plantas celebrizados no mundo antigo a partir das obras de autores como Teofrasto ou Dioscórides. Recrudescer o interesse por alguns dos preparados mais célebres da Antiguidade Clássica como a triaga, antídoto muito afamado composto por mais de oito dezenas de ingredientes, cuja identificação, em parte, era ainda desconhecida em meados do século XVI. Médicos e boticários almejavam identificar e encontrar essas plantas e substâncias, por forma a tornar possível a produção da autêntica triaga. O costo era precisamente um dos ingredientes desta droga que carecia de identificação, tendo o famoso boticário Francesco Calzolari incluído o verdadeiro costo, recentemente redescoberto, na triaga por ele preparada em Maio de 1566<sup>19</sup>. É muito provável, portanto, que a descoberta do verdadeiro costo deva ser atribuída a Amato Lusitano e a Francisco Barbosa, que muitos anos antes fizeram, aliás, chegar a Veneza amostras da tão desejada raiz.

---

<sup>18</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 19 (Lib. I, en. 15: *Costus – Falsus costus*): *Quare multum Lusitanis haec nostra tempora debere credo, quorum opera et industria non tantum noua regna nobis aperiuntur, sed permulta etiam ad rem medicam pertinentia, quae temporis uetustate sepulta habebantur, in lucem emergere coeperunt.*

<sup>19</sup> Sobre o processo gradual da redescoberta dos ingredientes da triaga no século XVI, com particular destaque para o costo, usado na preparação desta droga por Francesco Calzolari (Verona) e Ferrante Imperato (Nápoles), veja-se o notável estudo de Richard PALMER, “Pharmacy in the Republic of Venice”: WEAR, Andrew, FRENCH, Roger Kenneth e LONIE, Ian M. (direcção conjunta de), *The Medical Renaissance of the Sixteenth Century*, Cambridge, Cambridge University Press, 1985, 100-117: 108-110.

À semelhança do que já acontecia, então, nas boticas de Ancona, acrescenta Amato no seu comentário<sup>20</sup>, o verdadeiro custo estaria em breve disponível em muitas outras.<sup>21</sup> Ora, um dos três inventários objecto de estudo neste trabalho — *Inventarium rerum aromatariarum repertarum in apoteca aromatarie magistri Joseph Molcho hebrei levantini* — descreve precisamente os bens de um boticário de Ancona, onde não falta também um cartucho de triaga (*Bossolo de tiriacha quale è meggio*). Muito pouco se sabe sobre a figura de Joseph Molcho (apenas se conhece o nome hebraico), cujo inventário se analisará mais adiante, mas é expectável que Amato fosse uma visita assídua na sua botica. Joseph Molcho parece ser parente do ‘ebreo lusitano’ Abraham Molcho, presente em Ancona na década de cinquenta.<sup>22</sup>

Ao contrário do que sucede com Amato Lusitano, a quem se não conhece, no período ferrarense e anconitano (1540-1555), o exercício de outra actividade que não a prática clínica e o magistério, é sabido que Francisco Barbosa partilha a actividade clínica com outras de carácter comercial e financeiro, como era comum entre os médicos cristãos-novos. De facto, a documentação disponível comprova, inequivocamente, o envolvimento do médico português em várias actividades comerciais e financeiras, cujo reflexo também se faz sentir no rol de bens do seu inventário, como mais adiante se verificará.

Apresentam-se alguns registos da actividade comercial de Francisco Barbosa, *alias* Chaim Rubio, que o mostram activo, em

---

<sup>20</sup> Cf. *In Dioscorides Anazarbei de materia medica* [...], 19 (Lib. I, en. 15: *Costus – Falsus costus*): *Sed magis officinae aromatariae costi ueri oleo ornabuntur, ueluti Anconitanae iam hodie ornantur.*

<sup>21</sup> Convém salientar o papel crucial das farmácias como centros de difusão do conhecimento médico, conforme se comprova, a partir do exemplo paradigmático da Veneza de Quinhentos, no estudo de Filippo DE VIVO, “Pharmacies as centres of communication in early modern Venice”: *Renaissance Studies* 21 (2007) 505-521.

<sup>22</sup> Esta hipótese foi aventada por Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 1264.

Ancona, na transacção de tecidos e de peles e couros, em particular cordovões.<sup>23</sup> Assim, Ventura di Zaccaria compromete-se a pagar ao doutor Barbosa 245 ducados por 646 cordovões (15-IV-1546)<sup>24</sup>; em 9-XII-1546, Moises e Ventura di Zaccaria comprometem-se a pagar a Francisco Barbosa, 'dottore portoghese', 150 ducados por 440 cordovões de diversas cores (09-XII-1546)<sup>25</sup>; o banqueiro-mercador adquire ao Doutor Francisco Barbosa '9 balle di carisee colorate' por 890 ducados (07-XII-1546)<sup>26</sup>; Iacobo Iacomini de Florença reconhece dever ao Doutor Francisco Barbosa e ao irmão 690 ducados por 270 *zambellott*<sup>27</sup> (01-VI-1550)<sup>28</sup>; Isac Robes compromete-se a pagar a Chaim Ruvio 96 ducados pela compra de 98 peças de 'tela da turbanti' (09-VI-1550).<sup>29</sup>

É possível também documentar as actividades financeiras do Doutor Francisco Barbosa, associadas à autorização que a Câmara Apostólica lhe concedeu para exercer a actividade bancária, em conjunto com o irmão, por um período de cinco anos<sup>30</sup>, à sua intervenção como credor em sociedades em falência<sup>31</sup> ou a empréstimos a título de depósito, de que se fornecem alguns exemplos: Lustro

---

<sup>23</sup> O cordovão designava vulgarmente o couro de cabra curtido e preparado especialmente para o calçado, como evidenciam, por exemplo, as últimas palavras que o Sapateiro dirige ao Diabo, no *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, arrenegando o cordovão e a badana. Cf. Gil VICENTE, *Auto de Moralidade da Embarcação do Inferno*. Texto das duas primeiras edições *avulsas* e das *Copilações* estudados por Paulo Quintela, Coimbra, 1946, 342-346.

<sup>24</sup> Cf. Viviana BONAZZOLI, "Una identità ricostruita [...]", 29, n. 95.

<sup>25</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 24, n. 99; Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 764, doc. n.º 367.

<sup>26</sup> Cf. Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 763, doc. n.º 365.

<sup>27</sup> Os *zambelotti* (ditos também *ciambelotti* o *camelotti*) eram panos entretecidos com pêlo de camelo e de cabra, que eram bastante procurados em razão do seu preço substancialmente inferior ao dos tecidos 'ultrafini'.

<sup>28</sup> Cf. Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 836, doc. n.º 578.

<sup>29</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 840, doc. n.º 589.

<sup>30</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 316 e 934, doc. n.º 869.

<sup>31</sup> Cf. Viviana BONAZZOLI, "Ebrei italiani, portoghesi [...]", 728 e 752-753, n. 10.

Simuelis declara ter recebido em depósito do Doutor Barbosa 500 ducados (08-IV-1546)<sup>32</sup>; Simon del fu Salomon Bonaventura declara ter recebido 504 ducados de ouro do Doutor Barbosa, 'portoghese ebreo e medico' a título de depósito (09-II-1551)<sup>33</sup>; o banqueiro Iacob de Ioseph Belcairo declara ter recebido a título de depósito do Doutor Francisco Barbosa a quantia de 250 ducados de ouro, comprometendo-se a devolvê-los no prazo de um ano (09-II-1551).<sup>34</sup>

Por último, convém salientar que Francisco Barbosa desempenhou as funções de *Parnas* da Nação Portuguesa de Ancona, entre 1549 e 1555, sendo uma figura bastante respeitada na cidade, tanto entre judeus como entre cristãos.

4. Nos primeiros anos da década de 50, a Nação Portuguesa de Ancona era composta por cerca de 2500 a 3000 pessoas. A sua dimensão e notoriedade estavam à vista de todos quantos conheciam ou negociavam com esta praça, de tal sorte que até a Portugal chegavam notícias desta próspera comunidade, conforme atesta a famosa carta de Mestre Simão Rodrigues<sup>35</sup> dirigida ao próprio D. João III, em 1554:

Copia de hũa *carta* do mestre Simão Religioso da *Companhia* de Jesus, Escrita de Veneza a el-Rey *Dom* João 3.<sup>o</sup>, a qual está na Torre do Tombo na gaueta dos extras, em *que* lhe dá conta dos *christãos-nouos* bautizados deste Reyno, *que* estão nas Sinagogas de Italia. Anno 1554.

Senhor. Em hũa peregrinação que faço a Hiejusalem para ver a terra, que Christo entre todas escolheo *para* nella obrar os

---

<sup>32</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 31, n. 108.

<sup>33</sup> Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 857, doc. n.º 645.

<sup>34</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 857, doc. n.º 646.

<sup>35</sup> Trata-se do padre jesuíta português, cujas denúncias foram peças fundamentais tanto na instauração de um processo a Duarte Gomes, no Santo Ofício de Veneza, em 1555, sob o pontificado de Paulo IV, como no processo da Inquisição de Lisboa que conduziu Damião de Góis à prisão quase no fim dos seus dias. Cf. António M. L. ANDRADE, "A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes": *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11 (2011) 116-117.

misterios de nossa Redempção, passei por Ancona, e como as couzas, que se vem com os olhos mais se sentem, que as *que* se ouvem, os trabalhos espirituales, *que* vi nesta terra antre a gente Hebraea, que desse Reyno veio, me forçarão a dar esta informação a *Vossa* Alteza, e não quero *que* de outra cousa sirua mais que de informação, *qua* este negocio, a qual darei a *Vossa* Alteza não sem grande dor e compaixão de tantas almas, quantas vejo *que* se perdem nesta terra, podendo-se Remedear por christaos, e não o fazerem elles hé causa doutro nouo sentimento a aquelles, *que* algum zelo tem da gloria, e honra de Jesu christo nosso Rey, e *senhor* Hauera em a cidade de Ancona Portuguezes Judeos, e Judeos, e com publicas esnogas, e com titulo de Judeos dous mil e quinhentas, ou athe tres mil almas, *segundo* a informação que dos mesmos tiue, e todos estes receberão a agoa do *santo* Baptismo nesse Reyno de *Vossa* Alteza, tirando alguns meninos que cá nascerão, couza *muíto* *para* sentir, e chorar ver os Meninos fallar Portugues, e dizer hum, que se chama Samuel, outro Abraham, outro Izac, os quais lá se chamauão *Pedro* Antonio, e Francisco, e outros nomes de santos, e assi se chamarão se lá estiverão [...].<sup>36</sup>

Esta carta foi escrita, em Veneza, no dia 10-VII-1554, cerca de onze meses antes de ter ocorrido uma mudança que iria alterar definitivamente o rumo dos acontecimentos. A ascensão de Paulo IV, no final da Primavera de 1555, trouxe uma profunda transformação na política da Cúria romana, até então favorável aos cristãos-novos portugueses estabelecidos há mais de duas décadas em Ancona.<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> ANTT, *Tribunal do Santo Offício*, Conselho Geral, Papéis Avulsos, Maço 7, Documento 2645, fl. 212. (Carta a el-rei D. João III, escrita de Veneza por mestre Simão Rodrigues da Companhia de Jesus, sobre os judeus portugueses que viviam em Ancona e em outras cidades de Itália. Apresentamos, com a devida vénia, um excerto inicial da carta, segundo a edição de António Borges COELHO, *Inquisição de Évora: dos primórdios a 1668*, 2.º Volume, Lisboa, Editorial Caminho, 1987, pp. 100-103.

<sup>37</sup> A bibliografia exaustiva sobre a perseguição e a condenação dos judeus portugueses, em Ancona, sob o pontificado de Paulo IV, pode ser encontrada em Pier Cesare IOLY ZORATTINI, "Ancora sui giudaizzanti portoghesi di Ancona (1556): condanna e riconciliazione": *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 5 (2001-2002) 39-40, n. 2. Mais recentemente, Aron di LEONE

O cardeal Carafa, pouco depois de ter assumido o título de Paulo IV, faz letra morta dos privilégios concedidos anteriormente à Nação Portuguesa. Assim, após um breve período inicial em que dá alguns sinais contraditórios sobre a política a adoptar em relação aos cristãos-novos<sup>38</sup>, através de um breve de 26-VII-1555, nomeia o jurista Giovanni Vincenzo Falangonio como comissário extraordinário para Ancona, incumbindo-o de proceder à detenção e interrogatório dos portugueses suspeitos de apostasia. O comissário pontifício cumpre diligentemente a sua missão. Procede, sem demora, à detenção e interrogatório dos membros mais importantes da comunidade judaico-portuguesa, ordenando igualmente o arresto, a inventariação e a avaliação dos seus bens, realizados entre 2-VIII e 9-XI-1555.<sup>39</sup> Entre os cinquenta e um indivíduos que são nomeados nos documentos encontram-se dois médicos, Amato Lusitano e Francisco Barbosa, e um boticário, Joseph Molcho, cujos inventários serão analisados em pormenor no capítulo seguinte.

Amato encontra-se entre aqueles que viram os seus haveres alvo de arresto, tendo-lhe sido apreendidos inúmeros bens que surgem minuciosamente descritos.<sup>40</sup> O médico albicastrense logrou fugir para Pesaro<sup>41</sup>, não conseguindo, no entanto, evitar a perda de grande parte do seu património. O próprio Amato Lusitano, na carta introdutória da *Quinta Centúria*, dirigida a Joseph Naci, o so-

---

LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 487-523, dedicou dois capítulos da sua obra monumental à tragédia de Ancona.

<sup>38</sup> Cf. Elio TOAFF, “Nuova luce sui Marrani di Ancona (1556)” [...], 138-140.

<sup>39</sup> A descoberta e apresentação de quase cinquenta inventários de bens e mercadorias apreendidos aos cristãos-novos portugueses ficou a dever-se a Renata SEGRE, “Nuovi documenti sui Marrani d’Ancona (1555-1559)”: *Michael* 9 (1985) 160-226.

<sup>40</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 211-215 (*Inventarium omnium bonorum mobilium doctoris Amati hebrei portugaliensis*).

<sup>41</sup> Sobre os cristãos-novos portugueses que fugiram para Pesaro, cf. Aron di LEONE LEONI, “Manoel Lopez Bichacho, a XVIth Century Leader of the Portuguese Nation in Antwerp and in Pesaro”: *Sefarad* 59.1 (1999) 89-93; Idem, *La Nazione Ebraica* [...], 494-497.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012)

brinho de D. Grácia Naci, conta como perdeu a totalidade dos seus haveres na apressada fuga para Pesaro. Entre os numerosos livros que constam do inventário dos seus bens, devia encontrar-se o manuscrito da *Quinta Centúria*, que ele conseguiu reaver, depois de ter escrito uma carta, em latim, a conselho de um amigo, ao comissário Cesare della Nave, de Bolonha. Apresenta-se, de seguida, o início da esclarecedora carta dedicatória a *D. Iosepho Nassinio Hebraeo, uiro non minus illustri, quam sapienti*:

*In damnis sub Paulo quarto, Anconae habitis, ut tu forte te nosti, Iosephe Nassini, omnium rerum mearum iacturam feci, et ne a suis commissariis etiam opprimerer, Pisaurum primum, inde Ragusium me subduxi. Vnde animo quietiori, cum malum tantum memoriae reuocarem, inter tot tantaque mihi subrepta, ut aurum, argentum, aulicos pannos, preciosam uestem et supellectilia non pauca, ac instructissimam Bibliothecam, in mentem ueniunt, Quinta Centuria Curationum mearum, fere ad umbilicum deducta, et Commentaria quaedam, quae in quartam Fen libri primi Auicennae proximis antea diebus parturieram, quae simul arca quadam seruabantur. Pro quibus scriptis recuperandis, rebus caeteris neglectis, cum Abrahamus Cathalanus, uir ingeniosus, et amicus non uulgaris, qui tunc Pisauri agebat, me suadet ut ad praefatos commissarios litteras dem inculcatque non esse difficile paucas chartas ab eis inter tantas et tam preciosas res impetrare. Ego uero amici consilio usus, ad Nauium Bononiensem latine scribo. Ille uero, interueniente Hodara Thessaloniensi mercatore, retentis in Auicennam Commentariis, ad me Centuriam Quintam remittit, quae postea Pisauri absolui et Ragusii magno otio reuisi, ubi Sextam quoque literis mandauit.<sup>42</sup>*

Nos acontecimentos ruinosos que se deram em Ancona, no pontificado de Paulo IV, como por acaso é do teu conhecimento, ó

---

<sup>42</sup> *Curat. Medicin.* 5 (carta dedicatória inicial). Apesar de a *editio princeps* da quinta centúria ter sido dada à estampa em 1560, nos prelos venezianos de Vincenzo Valgrisi, convém notar que a carta dedicatória dirigida a Joseph Naci apenas foi publicada na edição conjunta das quinta e sexta centúrias, vinda a lume em Lião, em 1564, nos prelos de Guillaume Rouillé. Para uma descrição pormenorizada destas duas edições, veja-se o catálogo bibliográfico organizado por João José Alves DIAS, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal – Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos – Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 2011, 124-127, n.º 26 e 27.



José Naci, perdi todos os meus haveres e, para não ser preso e molestado pelos comissários dele, refugiei-me, primeiro em Pesaro e depois em Ragusa. Aí com o espírito mais tranquilo, ao lembrar-me de tão grande infortúnio, entre tantos e tamanhos bens que me foram arrebatados, como ouro, prata, vestimentas de cerimónia, um precioso vestido, e bastantes peças de mobiliário, veio-me ao espírito a *Quinta Centúria* das minhas *Curas*, já quase terminada, e uns *Comentários*, que dias antes tinha produzido sobre a 4.<sup>a</sup> Fen do livro primeiro de Avicena, ambas guardadas numa arca. Ao excogitar com insistência na maneira de recuperar estes escritos, pondo de parte tudo o resto, eis que Abraão Catalão<sup>43</sup>, homem de muito engenho e amigo pouco vulgar, que então morava em Pesaro, me aconselha a escrever uma carta aos ditos comissários e persuademe de que não seria difícil obter deles, entre tantos e tão valiosos bens, umas folhas escritas. Eu, seguindo o conselho do meu amigo, escrevo em latim a [Cesare della] Nave de Bolonha. Ele, por intervenção do mercador Hodara de Tessalónica, reteve os *Comentários* sobre Avicena, mas remeteu-me a *Quinta Centúria*, que depois completei em Pesaro e revi com muito vagar em Ragusa, onde também escrevi a Sexta.<sup>44</sup>

Muitos outros judeus portugueses, porém, tiveram um destino mais penoso, não tendo conseguido antecipar-se à acção enérgica e determinada dos comissários pontifícios. À volta de 80 indivíduos foram presos, dos quais cerca de 30 lograram escapar, entre Agosto e Outubro de 1555, por terem corrompido o próprio comissário Falangonio, que os acompanhou na fuga. Os restantes 50 ficaram nas mãos da Inquisição e foram submetidos a cruéis torturas públicas.

De entre estes, cerca de vinte e sete conseguiram fugir ao suplício, abjurando e reconciliando-se com o catolicismo. Não fica-

---

<sup>43</sup> Sobre as actividades de Abraão Catalão e as relações da sua família com Manuel Lopes Bichacho, cf. Aron di LEONE LEONI, “Manoel Lopez Bichacho [...]”, 86-87 e 93-94.

<sup>44</sup> Reproduz-se, com pequenas alterações, a tradução das *Centúrias de Curas Mediciniais* de Amato Lusitano (Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d, vol. III, 159-160), da autoria de Firmino CRESPO, a quem se deve a tradução integral desta obra, feita a partir da edição completa das sete centúrias, publicada em Bordéus, em 1620.

ram, por isso, sujeitos à pena de morte, tendo sido condenados, segundo reza a tradição, aos remos das galés dos Cavaleiros de Malta. Há notícia de que muitos terão, afortunadamente, conseguido escapar, no reino de Nápoles, no decurso da viagem para Malta. Francisco Barbosa encontra-se entre o número dos reconciliados<sup>45</sup>, tendo sido o único a quem as autoridades permitiram que permanecesse em Ancona, devido aos bons ofícios praticados como médico; não tardou muito, porém, que conseguisse escapar para o Império Otomano<sup>46</sup>. Os restantes detidos, à volta de 25, recusaram abjurar, pelo que foram condenados à fogueira, tendo sido justificados em autos-de-fé realizados em Ancona, entre Abril e Junho de 1556<sup>47</sup>. Entre os mártires encontra-se o boticário Joseph Molcho.

**II.1.** Como vimos, no volume quinto das *Curationum Medicinalium*, na epístola prefacial dirigida a João Micas *alias* Joseph

---

<sup>45</sup> A identificação dos judeus portugueses que pereceram nos autos-de-fé tem-se revelado difícil, pois assenta sobretudo em fontes hebraicas, nem sempre muito precisas. Outras fontes têm sido recentemente descobertas, permitindo avançar na identificação de alguns dos envolvidos nos trágicos acontecimentos. A acrescentar à documentação relativa aos inventários de bens apreendidos, Pier Cesare Ioly Zorattini procedeu ao estudo de documentação do Archivio della Sacra Congregazione per la Dottrina della Fede com novos dados sobre o decorrer do processo e sobre a identificação dos que optaram pela reconciliação. A abrir o elenco dos membros da Nação Portuguesa que se reconciliaram, encontra-se precisamente o Doutor Francisco Barbosa. Cf. Pier Cesare IOLY ZORATTINI, "Ancora sui giudaizzanti portoghesi di Ancona (1556)" [...], 47-48.

<sup>46</sup> Segundo o relato da crónica hebraica de Benjamin Nehemia ben El-Nathan da Civitanova, o Doutor Barbosa terá sido o único de entre os reconciliados a permanecer em Ancona com a permissão do administrador Cesare della Nave, tendo pouco depois fugido para a Turquia, retornando à lei de Moisés. Cf. Harry FRIEDENWALD, "The Medical Pioneers in the East Indies" [...], 493-494.

<sup>47</sup> Para a análise do número aproximado de cristãos-novos envolvidos no longo processo que culminaria nos autos-de-fé de Abril a Junho de 1556, cf. Elio TOAFF, "Nuova luce sui Marrani di Ancona (1556)" [...], 264-265; Renata SEGRE, "Nuovi documenti sui Marrani d'Ancona (1555-1559)" [...], 184-185; Aron di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica* [...], 487-497.

Naci, refere Amato que no episódio infeliz de Ancona perdera todos os seus haveres (*omnium rerum mearum*) e que passados aqueles anos ao lembrar-se de tantas coisas que então lhe haviam sido subtraídas (*tantaque mihi subrepta*) e depois de elencar as venalmente mais preciosas, como ouro e prata (*vt aurum, argentum*), roupa de corte e um precioso vestido (*aulicos panos, preciosam vestem*), ressalta a sua, no seu dizer, bem equipada biblioteca (*instructissimam Bibliothecam*) e o manuscrito da *Quinta Centúria* que dava agora ao prelo e que conseguira reaver.<sup>48</sup>

Publicados por Renata Segre<sup>49</sup>, os arrolamentos dos bens dos *marrani* de Ancona, alguns deles queimados no massacre de 1556, carecem ainda de um estudo aprofundado dos seus conteúdos materiais, concorrente para um maior conhecimento das vivências domésticas e quotidianas deste importante grupo de mercadores, banqueiros e homens de Ciência, muitos de origem lusa. É esse estudo de cultura material que pretendemos aqui fazer no tocante aos ‘inventários’ de Amato Lusitano, Francisco Barbosa e Joseph Molcho. Nessa qualidade de arrolamentos apresentam uma natureza bem própria que os diferencia de outros tipos de listas de objectos que de forma algo ligeira denominamos de um modo geral por inventário.<sup>50</sup> Para o período moderno a redacção destes instrumentos descritivos (encapsulando a memória física e visual de um dado conjunto de objectos através do recurso à descrição escrita, ao discurso verbal), tem quase sempre lugar num momento liminar da vida dos seus possuidores, mormente a morte e a conse-

---

<sup>48</sup> Cf. Amato LUSITANO, *Curationum medicinalium, Centuriae duae, Quinta et Sexta* [...], Lyon, Guillaume Rovillé, 1564, 3-4.

<sup>49</sup> Cf. Renata SEGRE, “Nuovi documenti sui Marrani d'Ancona (1555-1559)” [...], 130-233.

<sup>50</sup> Para uma reflexão sobre este tipo de fontes para o estudo das colecções e cultura material para este contexto epocal, veja-se Jessica KEATING e Lia MARKEY, “Introduction”: *Journal of the History of Collections* 23.2 (*Special Issue. Captured Objects: Inventories of Early Modern collections*) (2011) 209-213.

quente venda pública<sup>51</sup> ou *almoeda*, instante final anterior à dispersão de um dado conjunto.<sup>52</sup> Mas também outros ritos de passagem na marcha social de um dado indivíduo podem reclamar a sua reacção, como o casamento ou a constituição do dote, mas igualmente a ascensão a um novo cargo civil ou dignidade eclesiástica (para a desejada separação do ‘antes’ e do ‘depois’), e, claro, a traslação de objectos, quer de um encarregado para outro (marcadas documentalmente com listas e cartas de quitação<sup>53</sup> necessárias para o atestar da passagem da responsabilidade para outrem), portanto de umas para outras ‘mãos’, ou de um lugar para outro, por mudança de residência, empréstimo, oferta ou envio.<sup>54</sup>

---

<sup>51</sup> Sobre estas vendas públicas, e o comércio e circulação de objectos daí resultante, veja-se, Paula HOHTI, “The innkeeper’s goods: the use and acquisition of household property in sixteenth-century Siena”: O’MALLEY Michelle, e WELCH, Evelyn, ( direcção conjunta de), *The Material Renaissance*, Manchester - Nova Iorque, Manchester University Press, 2007, 242-259; e Ann MATCHETTE, “To have and have not: the disposal of household furnishings in Florence”: AJMAR-WOLLHEIM, Marta, *et alii*, ( direcção conjunta de), *Approaching the Italian Renaissance Interior: Sources, Methodologies, Debates*, Malden - Oxford - Victoria, Blackwell Publishing, 2007, 79-94.

<sup>52</sup> Veja-se, tanto no tocante à venda pública *post mortem* (e inventário preliminar), quanto à oferta, o importante *case-study* em torno de Salustio Gnechi, por Jack HINTON, “By Sale, By Gift. Aspects of the Resale and Bequest of Goods in Late-Sixteenth-Century Venice”: *Journal of Design History* 15.4 (2002) 245-262.

<sup>53</sup> A análise dos objectos mais preciosos do infante D. Luís, a título de exemplo, foi precisamente feita por um dos signatários com base nas cartas de quitação passadas em favor do tesoureiro do testamento do infante, Rui Salema — *vide* Hugo Miguel CRESPO, “«*Ihe nam faltou mais que não nascer Rei*»: *splendore et manificentia* no «tesouro» e guarda-roupa do infante D. Luís”: *Artis* 9-10 (2010-2011) 163-186.

<sup>54</sup> Sobre a problemática da oferta neste período, veja-se Mary HOLLINGSWORTH, “Coins, cloaks and candlestiks: the economics of extravagance”: O’MALLEY, Michelle, e WELCH, Evelyn, ( direcção conjunta de), *The Material Renaissance* [...], 260-287. Sobre o envio de objectos, nomeadamente de produtos sumptuários ou exóticos, atestado documentalmente através de listas e passaportes, veja-se Annemarie Jordan GSCHWEND e Almudena PÉREZ DE TUDELA, “Luxury Goods for Royal Collectors: Exotica, princely gifts and

São, portanto, quase sempre testemunhos de um estado de transitoriedade objectual fixado por escrito. Tratam, assim, mais do que de estruturas arquitectónicas fixas, de objectos móveis, essa *supellectilia* (mobiliário ou parafernália doméstica) no dizer de Amato. A responsabilidade da sua redacção não cabe quase nunca ao proprietário dos bens, mas sim aos servidores que deles (da sua guarda e conservação) estão encarregados ou aos oficiais civis e eclesiásticos que disso tiverem o encargo, por diversa ordem de razões. São elas — as diversas razões e contextos de produção, constrangimentos legais, políticos ou sociais — que ditam a natureza documental que lhes conformou, estando muito para além de qualquer horizonte de expectativa, mesmo do bem intencionado historiador que, usando um qualquer inventário como fonte documental e de informação, lhe pretenda forçar uma grelha de análise estabelecida *a priori*, raiz de tantas desilusões e enganãos. É que os sistemas de lógica interna e discursiva que caracterizam os inventários são realidades pautadas por uma constante mutação cronológico-cultural e sujeitas, como poucas, a idiosincrasias e incoerências inevitáveis, porque produto intelectual de indivíduos.

As dificuldades epistemológicas com que nos deparamos ao abordar esta tipologia documental não deixam de estar presentes, também, em listas de bens como as exaradas pelos oficiais inquisitoriais em Ancona após a fuga apressada de *ex-conversos* como Amato Lusitano ou Francisco Barbosa. Trata-se de listas onde os bens surgem averbados de forma tão sumária como o objectivo final o permitia, isto é, a identificação inequívoca do número e qualidade (tipologia) do objecto e sua posição física, dados indispensáveis para a consequente e expectável avaliação posterior dos mesmos, segundo passo de que temos testemunho para o caso de Amato, dado que o fim último seria o arresto e a venda como forma legitimada de financiamento da instituição inquisitorial.

---

rare animals exchanged between the Iberian courts and Central Europe in the Renaissance (1560-1612),": *Jahrbuch des Kunsthistorischen Museums Wien* 3 (2001) 1-127.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012)

Circunstâncias de produção documental em tudo semelhantes — fora a legitimidade legal, aqui contestável — vamos encontrar no inventário (duplo ou a dois tempos) dos bens deixados na fuga apressada à Inquisição de Lisboa, em 1542, do médico humanista e lente da Universidade de Lisboa, o cristão-novo Duarte Gomes, mais conhecido pelo pseudónimo literário Salomão Usque, colega e amigo de Amato Lusitano nos bancos universitários de Salamanca e depois feitor e homem de confiança dos famosos Mendes-Benveniste-Naci. Essas listagens, junto com a edição da integridade do processo inquisitorial contra ele movido, foram a base de um recente estudo de um dos signatários<sup>55</sup> que compreendeu a reconstituição literária, portanto escrita, e a caracterização *dos interiores e ameublement da residência de um humanista e lente universitário numa das ruas mais importantes da Lisboa Quinhentista — a Rua Nova dos Mercadores, ou dos Ferros —, pegada ao complexo palaciano da Ribeira, Casa da Índia e Armazéns da Guiné e Mina, morada da família real*.<sup>56</sup> Tanto este, como os inventários de Francisco Barbosa e Amato Lusitano, oferecem-nos *uma imagem interna daquilo de que temos ainda tão poucas informações, a casa urbana que, se não nobre, pelo menos de um estrato intermédio*.<sup>57</sup> E esta carência informativa, embora se aplique melhor ao caso luso<sup>58</sup>, não deixa de ser verdade mesmo

---

<sup>55</sup> Cf. Hugo Miguel CRESPO, “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). Em torno da guarda-roupa, livraria e mantearia do rei” *Cadernos de Estudos Sefarditas* 10-11 (2011) 587-688.

<sup>56</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 594.

<sup>57</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 594.

<sup>58</sup> Para o caso luso, em particular para a decoração interior e mobiliário, veja-se Vítor Manuel Pavão dos SANTOS, *A casa no Sul de Portugal na transição do século XV para o século XVI*, (dissertação de licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa, 1964 (texto dactilografado); Manuel Sílvio CONDE, “Sobre a casa urbana do Centro e Sul de Portugal nos fins da Idade Média”: *Arqueologia medieval* 5 (1997) 243-266; Luís Miguel DUARTE, “As Casas Urbanas”: SERRÃO, Joel, e MARQUES, A. H. Oliveira, ( direcção de), *Nova História de Portugal*, Volume 5 (*Portugal do Renascimento à crise dinástica*, coordenação de João José Alves DIAS), Lisboa, Editio-

para o italiano, sem dúvida dos mais estudados, dado que só em anos muito recentes se tem olhado de forma crítica, com o recurso à documentação de arquivo de vária proveniência e no âmbito dos estudos de cultura material<sup>59</sup>, para a habitação urbana, seus conteúdos materiais, vivência espacial e diária dos objectos. Partindo do estudo dos palácios e habitações de uma elite<sup>60</sup> — além dos diversos estudos sobre o coleccionismo principesco e a criação dos museus europeus com base nas *kunst-* e *wunderkamern* renascentistas e das câmaras de maravilhas de tipo enciclopédico pouco posteriores, de que os seus inventários nos dão o conspecto, ordenação e registo —, e da sua estruturação espacial<sup>61</sup> e mutações funcionais (mais ou menos perenes), estuda-se hoje, muitas vezes com recurso à arqueologia, a vida material e quotidiana de uma forma mais ampla, abarcando outros estratos sociais, como os artesãos, por exemplo.<sup>62</sup> As ‘casas’ de Duarte Gomes na principal rua

---

rial Presença, 1999, 116-128; e Fernanda OLIVAL, “Os lugares e espaços do privado nos grupos populares e intermédios”: MATTOSO, José, (direcção de), *História da Vida Privada em Portugal*, Volume 2 (*A Idade Moderna*, coordenação de Nuno Gonçalo MONTEIRO), Lisboa, Círculo de Leitores - Temas & Debates, 2011, 244-275 (embora incidindo pouco no século XVI); e a obra fundamental de Bernardo FERRÃO, *Mobiliário Português. Dos Primórdios ao Maneirismo*, Volume 2 (*A Centúria de Quinhentos*), Porto, Lello & Irmão - Editores, 1990.

<sup>59</sup> Vejam-se os diversos estudos publicados em Michelle O'MALLEY e Evelyn WELCH, (direcção conjunta de), *The Material Renaissance* [...].

<sup>60</sup> Vejam-se, por exemplo, os estudos mais marcantes do ponto de vista historiográfico, de F. W. KENT, “Palaces, Politics and Society in Fifteenth-Century Florence”: *I Tatti Studies. Essays in the Renaissance* 2 (1987) 41-70; e Howard SAALMAN e Philip MATTOX, “The First Medici Palace”: *Journal of the Society of the Architectural Historians* 44 (1985) 329-345.

<sup>61</sup> Veja-se, para o caso romano e já seiscentista, a obra fundacional e pioneira de Patricia WADDY, *Seventeenth-Century Roman Palaces. The Use and Art of the Plan*, Cambridge, Mss. - Londres, The Massachusetts Institute of Technology, 1990.

<sup>62</sup> O impulso decisivo foi dado pela equipa que organizou a importante exposição no Victoria & Albert Museum, Londres sobre os interiores do Renascimento italiano — vide Marta AJMAR-WOLLHEIM e Flora DENNIS, (direcção conjunta de), *At Home in Renaissance Italy*, (catálogo de exposição), Londres, Victoria and Albert Museum, 2010; e os estudos reunidos em Marta AJMAR-

do comércio internacional de Quinhentos, a lisboeta Rua Nova dos Mercadores, à semelhança dos *appartamenti* italianos, estruturava-se em sucessão de espaços, *en enfilade*, desde a entrada numa sala de recepção, de acesso mais generalizado onde figurava maior número de móveis de assento, passando pelo *estudo* (o italiano *studiolo*), do qual se passava à câmara de dormir e desta para outros espaços de maior recato.

2. Embora não tão prenhes de informações (e mesmo não tão ricos de património móvel e amplitude tipológica) como o de Duarte Gomes, os inventários de Amato Lusitano<sup>63</sup> e Francisco Barbosa<sup>64</sup>, permitem, igualmente, a reconstituição escrita dos seus respectivos *ameublement*, nos seus espaços particulares, através do percurso físico do inventariante.

Não obstante a pequena dimensão, sublinhe-se que o arrolamento de Amato é dos mais longos da recolha, contando com a preciosa avaliação monetária<sup>65</sup>, apresentando a particularidade de grande parte dos objectos encontrar-se já cuidadosamente recolhida em arcas devidamente seladas e, assim, prontas talvez para uma fuga melhor planeada. As quarenta e quatro entradas que possuem avaliação dão-nos uma ideia muito concreta do investimento financeiro colocado por Amato na sua comodidade, nos seus objectos quotidianos, *supellectilia* e vestuário, ascendendo o montante a cerca de 124 *scudi d'oro* (123,85), sensivelmente o mesmo número em cruzados<sup>66</sup>, equivalente a 49.600 reais. Trata-se

---

-WOLLHEIM, *et alii*, ( direcção conjunta de), *Approaching the Italian Renaissance Interior: Sources, Methodologies, Debates* [...]. Veja-se também Elizabeth CURRIE, *Inside the Renaissance House*, Londres, Victoria and Albert Museum, 2006.

<sup>63</sup> Cf. Renata SEGRE, “Nuovi documenti sui Marrani d’Ancona (1555-1559)” [...], 211-215 (n.º 37). Veja-se Documento 1A e B. Doravante as referências aos objectos fazem-se pelo n.º do Doc. seguido, no caso dos inventários de Amato, da letra respectiva (A ou B), seguido do n.º do item.

<sup>64</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 173-174 (n.º 9). Veja-se Documento 2.

<sup>65</sup> Vide Documento 1B.

<sup>66</sup> Fizemos equivaler de forma aproximada um *ducato d'oro* (3,44g de ouro de 24ql, portanto praticamente puro) a um cruzado de ouro português



de montante semelhante, ligeiramente superior, ao do valor atribuído pelos inquisidores lusos aos bens que o humanista Duarte Gomes deixara ficar nas suas *pousadas* de Lisboa, embora certamente aí o valor se possa ficar a dever, por um lado a um maior agregado familiar e, por outro, ao facto de os objectos mais valiosos terem sido, muito provavelmente, salvaguardados na fuga.<sup>67</sup>

Como se disse para o caso de Duarte Gomes, trata-se de montante considerável, *tendo em atenção que num ano (1545) o tesoureiro do infante D. Luís, Rodrigo Homem, auferia 28.380 rs. ou que um carpinteiro e mesmo um pedreiro de Lisboa, em 1552, aufeririam cerca de 21.600 rs. por ano.*<sup>68</sup> Refira-se, também, que no reino, e em 1552 o preço médio de um escravo era de 45.000 a 50.000 rs., preço que tinha disparado face aos anos anteriores, como 1550, onde o valor médio se fixava em 15.000 rs.<sup>69</sup> Estranhamente, e se comparadas as duas listagens, verificamos que na que conta com a avaliação, as oito peças argêntas desaparecem **[1A.042]**, à semelhança de muitos outros objectos. Do montante total, e é de sublinhar, cerca de 37% (45,30 *ducati d'oro* ou 18.120 rs.) representam o valor do vestuário que, podemos destrinçar em masculino (19%, com 23,95 *ducati d'oro* ou 9.580 rs.), e feminino (17%, com 21,35 ou 8.540 rs.); verifica-se, portanto, que o investimento de Amato em indumentária, claramente muito rica, é substancial, sobressaindo até a sua pessoa quanto aos gastos sumptuários, situação que no reino não seria

---

(3,56g de ouro a 22,12ql.). Um cruzado de ouro valia 400 reais de prata (doravante rs.). Para os valores referentes ao cruzado de ouro veja-se João José Alves DIAS, “A Moeda”: SERRÃO, Joel, e MARQUES, A. H. Oliveira, (direcção conjunta de), *Nova História de Portugal*, Volume 5 [...], Lisboa, Editorial Presença, 1999, 254-276.

<sup>67</sup> Cf. Hugo Miguel CRESPO, “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). [...]”, 596.

<sup>68</sup> Cf. Idem, *ibidem*, 596.

<sup>69</sup> Cf. Isabel M. R. Mendes Drumond BRAGA, “A circulação e a distribuição dos produtos”: SERRÃO, Joel, e MARQUES, A. H. Oliveira, (direcção conjunta de), *Nova História de Portugal*, Volume 5 [...], 225.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012)

permitida, dada a imposição, e o cumprimento, de leis pragmáticas contra o uso da seda.<sup>70</sup> De resto, e como veremos mais em pormenor, Amato amargurara-se muito não só com a perda dos seus cimélios e manuscritos, mas também chorara pelos seus *aulicos panos* e *preciosam vestem*.

Mas perscrutemos as *pousadas* de Amato. Na primeira *stanza* três arcas, uma grande [1A.001] de madeira de abeto vermelho (*abies*, uma conífera), outra também de abeto [1A.002] e ainda outra [1A.020 e B.047], esta última cheia de livros, fechada e selada (*piena de libri tutti serati et sigillati*). Na primeira guardavam-se todos os preciosos linhos (*lanzola, camise et tovagle et altre stratie*), dos quais faziam parte um pavilhão (remate superior) para o leito, de lã branca [1B.001], cinco lençóis velhos [1B.002], camisas de homem e mulher, toalhas de rosto, etc. [1B.003]. Na segunda arca guardava-se o serviço de mesa em estanho [1A.003 e B.026], composto por quarenta peças entre grandes e pequenas, junto a dois castiçais [1A.004 e B.027] e dois espelinhos [1A.005 e B.029] de latão (*candelleri d'ottone* e *sechietti d'ottone*, *specchietti?*), um almofariz de bronze ou latão [1A.006 e B.028] com sua mão (*mortale de bronzo com il pistello*) e um largo conjunto (13) de peças de vestuário [1A.007-019], tanto feminino<sup>71</sup> como masculino<sup>72</sup>, muito rico (algumas peças avaliadas entre 8 e 1 *scudo d'oro*).

---

<sup>70</sup> Veja-se quanto às pragmáticas neste período, Hugo Miguel CRESPO, “Trajar as Aparências, Vestir para Ser: o Testemunho da Pragmática de 1609”: SOUSA, Gonçalo Vasconcelos e, (coordenação de), *O Luxo na Região do Porto ao Tempo de Filipe II de Portugal (1610)*, Porto, Universidade Católica Editora, 2012, 93-148.

<sup>71</sup> Sobre o vestuário feminino para o período em estudo veja-se, Janet ARNOLD, *Queen Elizabeth's Wardrobe Unlock'd*, Leeds, Maney Publishing, 1988; e sobretudo, Roberta Orsi LANDINI e Bruna NICCOLI, *Moda a Firenze 1540-1580. Lo stile di Eleonora di Toledo e la sua influenza*, Florença, Pagliani Polistampa, 2005; e Paola VENTURELLI, *Vestire e apparire. Il sistema vestimentario femminile nella Milano spagnola (1539-1679)*, Roma, Bulzoni Editore, 1999.

<sup>72</sup> Sobre o vestuário masculino para o período em análise e para o caso italiano, veja-se Annalisa ZANNI e Andrea Di LORENZO, (comissariado científico conjunto de), *Giovanni Battista Moroni. Il Cavaliere in nero. L'immagine del*

Tratava-se de três roupões (*rubbone*), isto é, peças compridas masculinas, de cobrir, usadas sobre outras mais interiores como o gibão<sup>73</sup> e o saio<sup>74</sup>, um de lã negra [1A.012 e B.033] da Flandres, com listas de veludo (de seda), outro [1A.013 e B.034] de *pavonazo veneziano* (*paonazzo* ou *paghonazzo*), portanto de lã de cor violeta (o nosso *morado* ou cor de amora), avaliado em 8 *scudi* ou 56 *lire*, e ainda outro [1A.014 e B.035] de *mocaiaro negro*. Este *mocaiaro*, *mucaiirro*, ou *mocaiardo*, muito embora Renata Segre<sup>75</sup> diga tratar-se de um tecido de lã caprina é, na verdade e segundo Roberta Landini, um tecido de seda, um espesso moiré, semelhante ao gorgorrão e ao chamelote: *tessuto con ordito di seta e trama in filaticcio di seta assieme al ciambellotto*.<sup>76</sup> Também de homem aí se guardavam dois saios (*saglio*), peça de cobrir o torso, usada por cima do gibão, um de *mocaiaro* preto [1A.015 e B.041] e outro de lã preta forrada a pele

---

*gentiluomo nel Cinquecento*, (catálogo de exposição), Milão, Museo Poldi Pezzoli, 2005; Amedeo QUONDAM, *Tutti i colori del nero. Moda e cultura del gentiluomo nel Rinascimento*, Vicenza, Angelo Colla Editore, 2007; mas sobretudo Roberta Orsi LANDINI, *Moda a Firenze 1540-1580. Lo stile di Cosimo I de' Medici*, Florença, Mauro Pagliai Editore, 2011. Para o caso inglês da primeira metade de Quinhentos veja-se Maria HAYWARD, *Dress at the Court of King Henry VIII*, Leeds, Maney Publishing, 2007.

<sup>73</sup> O gibão ou jubão (do esp. *jubón*), de colarinho subido e justo, usado neste período tanto por homens quanto mulheres, era uma peça que cobria desde os ombros até à cintura, bem cintada e justa ao torso e aos braços. Ao contrário do saio de homem e da roupeta masculina os braços eram cortados em duas folhas (i.e, em alfaiataria, cada parte do molde da peça de vestir), portanto com duas costuras por forma a aderir melhor ao braço.

<sup>74</sup> O saio de homem (*sayo*), de construção semelhante à do gibão, vestia-se sobre a camisa ou sobre o gibão e cobria dos ombros até ao meio da perna e, ao contrário deste, tinha larga fralda com muito rodado, sendo mais larga a fralda e de maior rodado que a roupeta. Quanto à construção, a folha de trás (os *quartos traseiros*, como se refere na linguagem sartorial da época) era cortada em duas partes (duas folhas), com fralda incluída, ao contrário das folhas da frente (*quartos dianteiros*), com fraldas cortadas em folhas próprias.

<sup>75</sup> Cf. Renata SEGRE, “Nuovi documenti sui Marrani d’Ancona (1555-1559)” [...], 233.

<sup>76</sup> Cf. Roberta Orsi LANDINI, *Moda a Firenze 1540-1580. Lo stile di Cosimo I de' Medici* [...], 308.

[1A.019 e B.040], a que se junta uma samarra (*zamara*), ou *cimarra di mucaiaro tane* [castanho dourado] *listata di veluto*, de cor negro [1A.017 e B.037].

A estas peças de indumentária somavam-se duas *vesti da donna* (vestido comprido com mangas decoradas, curtas ou compridas, que por cá se chamou também saio<sup>77</sup>, composto por corpinho ou *busto*, ou seja, corpete e saia), de damasco negro, uma [1A.007 e B.030] decorada com listas de veludo e outra [1A.008] negra e uma outra *veste* ou camorra (ou *gamurra*, *camora*, *zippa* ou *zimarra*, tudo no it., do fr. *chamarre*), mais larga que a *veste* e fechada à frente como um *kaftan* turco, de lã veneziana de cor *pavonazo listata de veluto* de cor negra [1A.016 e B.036].<sup>78</sup> Também aí se encontrava um gibão de mulher de veludo preto [1A.009 e B.031], dois conjuntos de mangas de mulher, umas [1A.010 e B.032] de *raso* turquesco, ou seja de cetim de seda (*zettano raso*) cor turquesa e outras *pavonaze listate de veluto* [1A.011], e um manto<sup>79</sup> novo [1A.018 e B. 038] de *osteda nera*, portanto um tipo de lã (*usteda*).<sup>80</sup>

Na segunda câmara, de dormir, pontua ainda um leito *di piuma*, com um colchão [1A.032], sete lençóis, sendo um da Flandres [1A.022 e B.006] e coberta de lã branca [1A.025 e B.012], portanto uma *cubricama*. Dentro de uma arca de ferros encourada [1A.021 e B.004], encontramos panos de linho (*come è tovagle e tovaglioletti*), um tapete ‘novo’, pequeno [1A.024 e B.011], um bancal

---

<sup>77</sup> O saio de mulher (*sayo*), composto de uma só peça ou de duas (o corpo ou colete e a saia), podia ter ou não mangas (o corpo), que, em ponta ou redondas, podiam pender, deixando descobertas as mangas do gibão. De uma só peça assemelhava-se aos antigos *briais*, e de duas (com corpo, o colete, e saia), assemelhava-se o corpo às couras e coletes da moda masculina.

<sup>78</sup> Sobre as *vesti* e *gamurre* veja-se Roberta Orsi LANDINI e Bruna NICCOLI, *Moda a Firenze 1540-1580. Lo stile di Eleonora di Toledo e la sua influenza* [...], 95-105 (*Veste, colleto, vesticina da parto*).

<sup>79</sup> O manto era uma peça vestimentar larga de cobrir todo o corpo, incluindo a cabeça.

<sup>80</sup> Cf. Raphael BLUTEAU, *Vocabulario portuguez e latino* [...], Volume 8, Lisboa, na Officina de Pascoal da Sylva, 1721, 598.

e uma *spaliera* (para decorar o tardo doz da arca), duas caixas (*cassatta*, i.é *cassetta*), sendo que uma delas com *spaliera* [1A.028].

Também aí encontramos algumas peças de vestuário, duas *vesti* de *paonazo* listadas de veludo [1A.023 e B.022; 1A.030 e B.009], um manto forrado a pele, de mulher e outro [1A.026] de lã *alionada* (*panno leonato*), portanto de cor amarelo dourado, alaranjado, forrado de pele de lobo. Sublinhe-se que estando apenas registado um leito e em presença de tantas peças de vestuário feminino evidenciando alto investimento material neste aposento (nas roupas de cama), a figura feminina que partilha a câmara de dormir com o nosso médico — e descontando o facto de o leito ser neste período, passível de ser partilhado com amigos ou servidores —, não poderá ser apenas uma familiar, mas uma companhia feminina com todo um outro estatuto. De facto, o investimento financeiro colocado no seu vestuário e a fineza dos materiais, incluindo pelas animais de alto preço, aliado às distintas cores que apresenta (o negro e o morado predominantes), além das tipologias (como o manto forrado), aponta não para uma donzela mas uma *donna*.

De resto, são tipologias apontadas como as mais características do vestuário das mulheres anconitanas [Fig. 1] por Cesare Vecellio, quando indica que *vanno vestite simile alle Matrone Romane da donne di portata, & mature, & non troppo pompose. Vsano vn manto amplo, & lungo di seta, ò ferandina ad opera, ò di qualche altra sorte do seta sottile simile ai buratti; & di color nero, & l'accommodano, & legano talmente di dietro, che tirandolo in suso, pare sia fatto di due pezzi; & questi tali manti sono vsati in molti luoghi d'Italia, & Spagna dalle nobili di qualche grado*.<sup>81</sup> Não é de estranhar o protagonismo dado pelo autor ao 'manto', peça de larga tradição ibérica, num porto como

---

<sup>81</sup> Cf. Cesare VECELLIO, *De gli habiti antichi, et moderni di diuerse parti del mondo libri due*, Veneza, Damiano Zenaro, 1590, fl. 202. Sobre Vecellio e esta sua importante obra, veja-se Jeannine Guérin Dalle MESE, (direcção de), *Il vestito e la sua immagine. Atti del convegno in omaggio a Cesare Vecellio nel quarto centenario della sua morte*, (actas de colóquio), Belluno, Amministrazione Provinciale di Belluno, 2002.



[Fig. 1] A *Anconitana*, in Cesare Vecellio, *De gli abiti antichi, et moderni di diuerse parti del mondo libri due*, Veneza, Damiano Zenaro, 1590, fl. 201. Coberta com um véu de fina matéria têxtil, que quase lhe esconde o rosto, a *Anconitana* enverga largo manto de tecido lavrado (*ferandina ad opera*); apenas por entre a sua abertura central, ajustada com as mãos, e junto aos pés (que porventura calçam *pianelle*) se vislumbra a saia do saio (*veste*) ou a fímbria da *camorra* (*gamurra*). Colecção de Hugo Miguel Crespo.

Ancona onde a presença hispânica, de comunidades sefarditas como a que ora nos ocupa, era neste período tão forte e estruturante, mesmo considerando a forte influência castelhana nas práticas vestimentares da Lombardia que, como diz Vecellio, se aproximavam muito das anconitanas.<sup>82</sup>

E continua o autor — que parece descrever as vestes de mulher encontradas entre os pertences de Amato — dizendo que estas mulheres de Ancona *portano la testa coperta di velo sottile di seta, che pare di color gioletto. Sotto esso manto portano alcune vesti nere di velluto, ò raso, & altra sorte di seta secondo i tempi, & cosi ancora vsano rasi, broccati, ò ormesini*.<sup>83</sup> Essas *vesti* ou saios (*saya*) de veludo ou cetim de seda, comuns ao vestuário feminino um pouco por toda a Europa, onde a moda de corte espanhola tanto se fez sentir, podemos ver, por exemplo, no trajar da mulher de Turim **[Fig. 2]**, cidade importante do Piemonte, no norte da Península Itálica, tal como apresentado pelo mesmo Cesare Vecellio.

As tipologias vestimentares masculinas que encontramos no guarda-roupa de Amato — saio, ou *saione*, roupão, ou *robbone*, samarra, *cimarra* ou zamarra **[1B.039]**, e o tabardo<sup>84</sup>, ou *tabbarro* **[1B.023]** —, em particular na seda de que muitas são feitas ou decoradas, enviam-nos para o trajar do homem nobre e das gentes de trato endinheiradas de Florença **[Fig. 3]** ou Veneza, com sua indumentária aparentemente simples mas rica, pela quantidade e qualidade da matéria têxtil utilizada, onde pontuam também os pantu-fos de veludo de seda negra, como os que o nosso físico

---

<sup>82</sup> Sobre o ‘manto’ no Portugal de Quinhentos veja-se Hugo Miguel CRESPO, “Trajar as Aparências”, [...], 93-148, *maxime* 102, n. 43 e 135-136.

<sup>83</sup> Cf. Cesare VECCELLIO, *De gli abiti antichi, et moderni* [...], fls. 202-202v.

<sup>84</sup> Se a capa era uma peça de vestir sobre todas as outras, cobria dos ombros até aos joelhos e, de formato semicircular quando planificada, tinha um capelo (o capuz de hoje) saindo da gola por forma a cobrir a cabeça, já o tudesco, em tudo semelhante ao *tabarro*, era similar à capa, de origem alemã (*tudesca*) mas com mangas e mais rodada (com mais voo). Sobre o *tabarro* veja-se Roberta Orsi LANDINI, *Moda a Firenze 1540-1580. Lo stile di Cosimo I de' Medici* [...], pp. 126-129 (*Cappotto e tabarro*).

possuía [1B.044] e cuja forma podemos aqui ver, no pormenor da *Prisão e Morte de S. Roque* [Fig. 4].



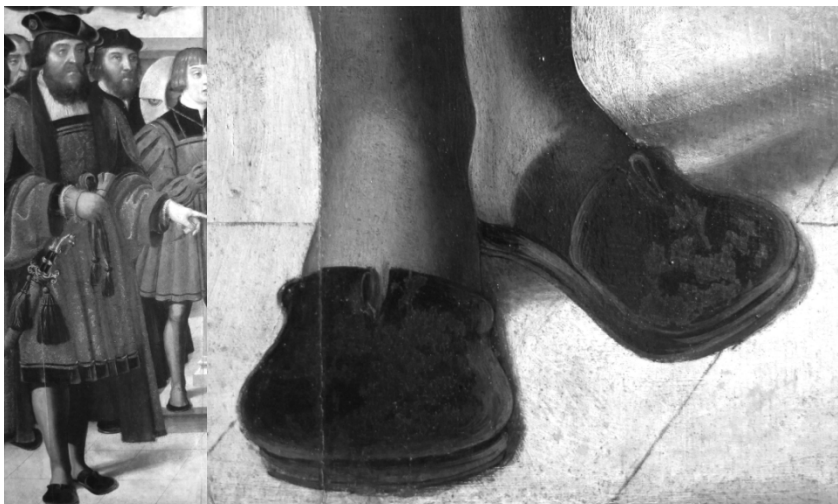
[Fig. 2 A *Matrona de Turim*, in Cesare Vecellio, *De gli habiti antichi, et moderni di diuerse parti del mondo libri due*, Veneza, Damiano Zenaro, 1590, fl. 203. Vestida segundo a melhor indumentária cortesã feminina, esta nobre turinense enverga um saio (*veste*, ou *saya*) de mangas abertas (que deixam ver o luxuoso gibão por baixo), de corpinho de gola alteada, todo abotoado à frente, sendo a saia do saio listada na fímbria. Como símbolo da sua elevada condição social segura com a direita umas luvas, sinal de que não se ocupa de tarefas mundanas ou trabalho manual. Colecção de Hugo Miguel Crespo.

*Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 14.1 (2012)





[Fig. 3] O Nobre Florentino, in Cesare Vecellio, *De gli habiti antichi, et moderni di diuerse parti del mondo libri due*, Veneza, Damiano Zenaro, 1590, fl. 233v. Totalmente envolto num áulico manto (*mantello*), da sua indumentária se vislumbra apenas o chapéu de abas (*cappelli di feltro*), a *volta* de canudos, ou gola encanudada de linho branco, o mantéu de camisa tão distintivo do trajar deste período, e os pantufos (*pianelle*). Colecção de Hugo Miguel Crespo.



[Fig. 4] Mestre desconhecido, *Prisão e Morte de S. Roque*, c. 1520; madeira de carvalho; 128x119cm. Propriedade da Irmandade da Misericórdia e de S. Roque de Lisboa - Santa Casa da Misericórdia de Lisboa / Museu de S. Roque, inv. Pin 56 (dois pormenores, uma macrografia). Fotografias de Hugo Miguel Crespo.

Estranha, no entanto, a ausência no inventário de calças, meias (*calzoni e calzette*) e de gibões, mas talvez que Amato tivesse apenas os que levou consigo no corpo durante a fuga. Não deixa de ser reveladora também a presença de tecido 'em braça' [1B.045] para, sem dúvida, obviar à necessidade de confecção caseira de vestuário, ainda para mais dado o acesso tão facilitado a matérias primas têxteis de qualidade comercializadas pelos seus conterrâneos, familiares e amigos nas praças comerciais italianas e, em particular no porto de Ancona.

Mas voltemos às *pousadas* de Amato. Numa câmara do sobrado superior (certamente lugar de repouso e preparação de alimentos de uma criada), uma enxerga de palha (*letto pagliarizo*) e um colchão [1A.034], três cobertas de pano turquesco [1A.035-037], dois reposteiros de raz [1A.038, B.014 e B.016], velhos e esburacados (*vecchia bucata*), uma caldeira (*caldara* ou *caldaia*) para se fazer confeitos [1A.039] com um prato de estanho dentro, doze peças de cutelaria [1A.040], oito colheres de prata [1A.042], três de osso

[1A.043] e uma esfera [1A.044], que pode talvez tratar-se de um instrumento científico.

Aproveite-se para refutar a interpretação algo apressada de João José Alves Dias<sup>85</sup>, que repete o parecer de Renata Segre<sup>86</sup>, no recente catálogo que fez publicar, que quer ver na presença de uma caldeira de fazer confeitos — pese embora o uso medicinal do açúcar, das compotas e outros confeitos neste período — o indício seguro de que Amato prepararia ele mesmo os medicamentos para administrar aos seus pacientes. De resto, não podemos ter dúvidas que o fez (ou que o poderia ter feito), mas para isso necessitaria, além do almofariz e pilão, que, de resto, tinha [1A.006], para a necessária pulverização dos simples, também de uma balança por forma a medir com precisão as quantidades ínfimas que refere nas suas *curas*, caso do escrópulo (1,19g), para posterior mistura em qualquer excipiente que entendesse fazer receitar. A ter tido uma, deve ter sabido levá-la consigo na fuga apressada, ao contrário de outro cristão-novo, Joseph Molcho, boticário queimado no auto-de-fé de 16-IV-1556, que deixou para os comissários do Santo Ofício uma infinidade de frascos e *vasetti*, junto com uma *ballanze da pesare e suoi pesi* [3.001]. Na sua botica recebia o *aromatarium* na sua arca de nogueira com seu *banco da scrivere*; nela se podiam ver centenas de caixas de conter os simples [3.002], as matérias naturais, antes de se prepararem e misturarem para produzir drogas, outras centenas de frascos de xaropes, óleos e outras medicinas [3.003], frasquinhos com pinhões e outras sementes pequenas [3.004], três onças (90g) de cássia [3.005], portanto de canela selvagem, *Cinnamomum cassia*, e oito (240g) de ruibarbo, *Rheum rhabarbarum* [3.007], dois almofarizes de bronze com seus pilões [3.006] para a manipulação dos simples e drogas, cera branca em vela [3.010] ou um cartucho de triaga [3.011]. À semelhança das *pousadas* de médicos como Amato ou Barbosa, certamente a botica

---

<sup>85</sup> Cf. João José Alves DIAS, *Amato Lusitano e a sua obra* [...]2011, 36.

<sup>86</sup> Cf. Renata SEGRE, “Nuovi documenti sui Marrani d'Ancona (1555-1559)” [...], 158.

de Molcho, a sua *apoteca aromatarie*, seria lugar de encontro para os mais destacados membros da comunidade lusa em Ancona e palco para discussões científicas em torno das matérias exóticas a que, por mão dos portugueses, era agora mais fácil ter acesso na Europa de Quinhentos.<sup>87</sup>

Ressalta no caso de Amato Lusitano, que ele diz ser a totalidade dos seus bens, a ausência de peças de mobiliário à excepção de arcas, caixas e cofres (talvez os que usasse não fossem dele, mas de outrem), a inexistência de peças de ouro ou grandes peças de prata (a que se refere no relato a João Micas) e, em especial, à presença de tamanho número e qualidade (investimento) em indumentária feminina de altíssimo preço e distinção (como prova o uso do negro e do *pavonazzo*, em finas lãs decoradas com veludo de seda), dado que não conhecemos companhia feminina para o nosso reputado físico e esta sim, é uma questão a reclamar estudo, já que o inventário sugere uma partilha íntima (de espaços e arcas) entre o médico e uma mulher, além da presença clara de um servidor (ou servidora) no piso de cima e encarregue da preparação alimentar.

3. Quanto a Francisco Barbosa, os seus espaços de residência encontravam-se dentro das moradas do cavaleiro Galeazo (*equitis Galeazi*) pagando certamente um estipêndio, já que nos diz o inventariante: *quam retinet ad pensionem prefectus doctor*.<sup>88</sup> O primeiro espaço descrito, perto das escadas — *una saletta a cape le scale* — é definido por dois conjuntos de móveis de assento, certamente de espaldas — quatro cadeiras [2.001] de noqueira encouradas (*sedie de noce finite de corame*) e outras quatro [2.002] descritas apenas como de madeira (*de legno*) — circundando uma mesa *con il suo*

---

<sup>87</sup> Sobre as boticas no Renascimento italiano veja-se Evelyn WELCH, *Shopping in the Renaissance. Consumer Cultures in Italy 1400-1600*, New Haven - Londres, Yale University Press, 2005, 151-158; e James SHAW e Evelyn WELCH, *Making and Marketing Medicine in Renaissance Florence*, Amesterdão - Nova Iorque, Editions Rodopi B. V., 2011, *passim*.

<sup>88</sup> Cf. Documento 2.

*panno* [2.003]. Trata-se de um espaço claramente de recepção — *casa das cadeiras* como nos diz Raphael Bluteau, ou *guarda-roupa*, portanto sempre uma antecâmara<sup>89</sup> —, e mesmo lugar de comensalidade, onde vemos igualmente um banco [2.004] com seu bancal (uma cobertura têxtil não especificada, talvez uma *verdure*), uma *spaliera* [2.005], isto é, um *drap d'honneur*, portanto um têxtil rico para marcar visualmente a importância de um personagem, provavelmente o *pater familias* e finalmente, a fechar e delimitar o espaço e acessos às zonas mais reservadas do *habitaculum*, três *portiere* [2.006-008], isto é reposteiros (paramentos de porta) colocados, um sobre a porta que dá para a *camera* e os restantes, um *de tappede* talvez sobre outros vãos, talvez mesmo duas janelas. Na *camera* pontua um leito [2.009] com suas guarnições têxteis (*letto con li suoi finimenti*) e outro *drap d'honneur* [2.010], talvez a marcar o espaço de uma arca *con certe robbe de poca valuta* [2.013], coberta esta com um pequeno bancal [2.011], um *banchaletto* e junto um cofre [2.012].

No final das escadas (talvez num piso inferior) uma *altra camera* [...] *quale serve per cucina con tutti l'istrumenti de ramo spetanti alla cucina* — portanto com todos os utensílios de cozinha em cobre e junto deles um braseiro (*capifuochi*) [2.015]. Por cima, em duas salas (*in la sala di sopra* e *in la stantia di sopra*) guardam-se mercadorias em arcas (*balle* [i.e., *rotollì*] *de cordovani*), cera para velas (*casse di candele*) e dormem certamente os criados em *materazzi* (*materassi*), em dois colchões ou mais concretamente, dois simples *almadraques* [2.016, 2.018 e 2.019]. No arrolamento estão, portanto, totalmente ausentes objectos de alto valor como jóias ou peças argentárias — expectáveis dada a condição económica do personagem — e mesmo têxteis valiosos (à excepção do paramento do leito), como tapetes, tapeçarias e vestuário.

---

<sup>89</sup> Veja-se Hugo Miguel CRESPO, “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). [...]”, *passim*.

Nobbe' del dottor Amato *stimate* come di sotto  
 Due balle di pani dentro in un fascio di panu' un aper d'oltrafino *ca 3* 50  
 Doi scanelli di panu' d'oltrafino a d'oltrafino *ca 3*  
 di br. 37 in circa  
 Una Londra grossa del colore che tira al tordino *ca 3* 50  
 Due pani paonelli. Uno verde chiaro e un altro  
 verde scuro de la marca  
 Una pelle di saia bianca di fiandra di br. 28 in c *ca 3* 50  
 Una pelle d'ardeta bianca di fiandra di br. 34 in c *ca 3* 80  
 Ventre pelle d'otfoia nera di fiandra *ca 3* 80  
 Quattorici pelle di tela bianca di sequin' sia a 28  
 frone a 4 la pe. il resto a 6 la pelle *ca 3* 68  
 Una tavola di mucca. La pelle di un mulo e un cavallo  
 e ventidua una di ciamb. grossi a 2 la pelle *ca 3* 60

Nobbe' del dottor Amato *stimate* come di sotto  
 Una Pauglione di Tela bianca *ca 3* 4  
 Cinque tavole uocci *ca 3* 2  
 Due, camise d'humo, straccio corduroi, longhete di  
 uso ec altri stracci uocci Amato *ca 3* 90

[Fig. 5] Inventário dos bens de Amato Lusitano na fuga à Inquisição de Ancona. Archivio di Stato, Roma, *Camerale I*, Tesoreria provinciale della Marca, Reg. 107, Bu. 28, Alleg. F, fl. 9. Com permissão do Ministero per i Beni e le Attività Culturali, ASR 70/2012.

## Anexo Documental

**Archivio di Stato, Roma, Camerale I.**, Tesoreria provinciale della Marca, Reg. 107, Bu. 28 (*Conto delle somme riscosse e pagate da Valerio Amani depositario delle condanne e delle confische fatte agli ebrei di Ancona ed agli Ebrei portoghesi ivi dimoranti 1555-56*).

### Documento 1

Inventário dos bens de Amato Lusitano, na primeira versão listada topograficamente (fls. 53v.-54v., citado como 1A, seguido do n.º da entrada), e na versão avaliada (Alleg. F, fls. 9-10v., citado como 1B, seguido do n.º da entrada).

[Ancona], 7-IX-1555.

#### [fls. 53v.-54v.]

Die 7 septembris 1555. Inventarium omnium bonorum obilium doctoris Amati hebrei portugaliensis factum per me Berardinum de Rubeis presentibus domino Bartholomeo Alpheo et Raynaldo Bayno [?] testibus.

Imprima nella prima stanza

[001]	Cassa grande d'abbete rossa serrata sigillata piena de panni de lini, come lanzola, camise et tovaglie et altre stratie	n.º 1
[002]	Item una cassa d'abbetto vi sono le infrascritte robbe, videlicet:	[n.º 1]
[003]	Stagni pezi fra grandi e piccoli	n.º 40
[004]	Candelleri d'ottone	n.º 2
[005]	Sechietti d'ottone	n.º 2
[006]	Mortale de bronzo con il pistello	n.º 1
[007]	Veste da donna de damascho listata de veluto	n.º 1
[008]	Veste da donna de damascho negro	n.º 1
[009]	Gipon da donna de veluto negro	n.º 1
[010]	Maniche de raso de raso [sic] da donna	n.º 1
[011]	Maniche pavonaze listate de veluto	n.º 1
[012]	Rubbono de panno negro listato de veluto	n.º 1
[013]	Rubbono de panno pavonazo	n.º 1
[014]	Robbon de mocaiario negro	n.º 1
[015]	Saglio de mocaiario negro	n.º 1
[016]	Veste de panno pavonazo listata de veluto	n.º 1
[017]	Zamara listata de veluto negro	n.º 1
[018]	Manto novo de ostade	n.º 1
[019]	Saglio de panno negro foderato de pelle	n.º 1

[020]	Cassa piena de libri tutti serati et sigillati In la seconda camera	n.º 1
[021]	Cassa foderata de pelle e ferrata vi sono le infrascritte robbe, videlicet:	[n.º 1]
[022]	Prima panni de lino, come è tovaglie e tovaglioletti	
[023]	Veste pavonaza di meza vita listata de veluto negro	n.º 1
[024]	Tappedo novo	n.º 1
[025]	Coperta bianca da letto	n.º 1
[026]	Pelizza de panno leonato foderata de pelle de volpe	n.º 1
[027]	Banchali et una spaliera	n.º 3
[028]	Cassata una con una spaliera	n.º 2
[029]	Peliza da donna	n.º 1
[030]	Veste di panno pavonazo listata de veluto	n.º 1
[031]	Biscappa negra vecchia con altre strazarie dentro In detta camera	n.º 1
[032]	Uno letto di piuma con uno matarazo et lanzola et coperte	[n.º 1]
[033]	In camera di sopra ci è una cassetta rossa con bagaglie dentro	n.º 1
[034]	Letto pagliarizo e matarazo	n.º 1
[035]	Coperta o ver sciavina	n.º 1
[036]	Coperta di panno turchino	n.º 1
[037]	Copperta turchina fuderata di tella	n.º 1
[038]	Panni di razza	n.º 2
[039]	Caldara da lavorare confetti con un piato de stagno dentro	n.º 1
[040]	Una cortolina con 12 pezi de corteli et forzine In canava	n.º 1
[041]	Legna circa passe	n.º 2
[042]	Cochiari d'argento con un pie d'argento	n.º 8
[043]	Cochiari d'osso	n.º 3
[044]	Spera prout in dicto inventario registrato per me Franciscum Nobilem utsupra.	n.º 1

**[Alleg. F, fls. 9-10v.]**

Robbe del dottore Amato stimate come di sotto:

[001]	Un paviglione di tela bianca	scudi 4
[002]	Cinque lenzuola vecchi	2
[003]	Camise d'uomo e di donna, stracciate con dua tovaglie di viso et altri stracci vecchi	1 30
[004]	In un forciero ferrato	
[005]	Quattro cosini di razza, foderati di corame	2
[006]	Sette lenzoli usati, di doi tele l'uno di Fiandra	



<b>[007]</b>	Un parenanzo di tela da dona usato		50
<b>[008]</b>	Un pezzo di tela bianca laurata di seta torchina		20
<b>[009]</b>	Una camorra di panno paonazzo	3	
<b>[010]</b>	Un busto di veluto nero da huomo frusto		20
<b>[011]</b>	Un tappeto piccolino usato	2	
<b>[012]</b>	Una coperta da letto di lana bianca	2	2
<b>[013]</b>	Una veste di panno mischio da huomo foderata di pelle vecchia e spelata		50
<b>[014]</b>	Una portiera di razza vecchia bucata e un cialone da balle vecchio e piccolo		60
<b>[015]</b>	Ventidue pezzi di libri vecchi di medicina tra quali sonno l'opera di Galeno in ottavo foglio In Un'altra cassa	4	
<b>[016]</b>	Una portiera di razza vecchia	1	50
<b>[017]</b>	Una coperta di panno turchino da letto tarmata tutta		40
<b>[018]</b>	Doi saioni di panno frusti	1	
<b>[019]</b>	Una cappa di panno nero frusta In un'altra cassa		50
<b>[020]</b>	Una pelliccia da donna frusta		20
<b>[021]</b>	Un cialone vecchio		40
<b>[022]</b>	Una camorra di panno paonazza usata di panno veronese	2	
<b>[023]</b>	Un tabbarro di panno nero frusto	1	50
<b>[024]</b>	Una traversa di mocaiairo paonazzo stracciata tutta et una camorra di ciambelotto nero stracciato con certe altre straccie che appena se ne ritrova doi giuli		
<b>[025]</b>	Un cassetino coperto di corame nero In un'altra cassa		10
<b>[026]</b>	Quaranta pezzi di stagno tra grandi e piccoli di libbre 35	3	
<b>[027]</b>	Doi candelieri d'ottone		30
<b>[028]</b>	Un mortale d'ottone con il suo pistello di libbre 13	1	
<b>[029]</b>	Doi sechietti d'ottone		40
<b>[030]</b>	Una veste da donna di damasco nero listata di veluto	5	
<b>[031]</b>	Un gippone di veluto nero da donna vecchio		50
<b>[032]</b>	Un paro di maniche di raso torchino	1	
<b>[033]</b>	Un robbone di panno nero di Fiandra con le sue mostre di velluto	4	
<b>[034]</b>	Un robbone di panno paonazzo di panno venetiano	8	
<b>[035]</b>	Un robbone di mucaiairo nero vecchio	2	
<b>[036]</b>	Una camorra di panno paonazzo di panno venetiano lista[to] di veluto nero	6	
<b>[037]</b>	Una cimarra di mucaiairo tane listata di veluto	2	
<b>[038]</b>	Un manto da donna d'Osteda nera	2	

[039]	Una cimarra de ciambelotto nero	2	
[040]	Un saio di panno nero foderato di pelle frusto		50
[041]	Un saio di mucaiario nero	1	
[042]	Una cazzola di rame piccola		15
[043]	Una camisia da donna vecchia		20
[044]	Doi para di pianelle di veluto nero, uno da huomo et uno da donna		20
[045]	Tre braccia e mezzo di mucaiario nero in doi pezzi		70
[046]	Uno siocatore e una parenanza		20
[047]	Una cassetta piena di libri vecchi di medicina in ottavo e in quarto foglio	6	

## Documento 2

Inventário dos bens de Francisco Barbosa, incluindo as suas mercadorias deixadas ao cuidado de outras pessoas.

[Ancona], 16-VIII-1555.

### [fls. 12v.-13v.]

Inventario del dotore Barbosa. Die 16 augusti 1555.  
 Inventarium bonorum mobilium doctoris Barbosi existentium in domo equitis Galeazi, quam retinet ad pensionem prefactus doctor, confectum per me Julium Rubeum ad hoc specialiter deputatum ad magnifico et reverendissimo domino commissario apostolico.

Imprimis in una saletta a cape le scale ci sono

[001]	Sedie de noce finite de corame	n.º 4
[002]	Sedie di legno	n.º 4
[003]	Tavola con il suo panno	n.º 1
[004]	Banco col suo banchale	n.º 1
[005]	Spaliera	n.º 1
[006]	Portiera di tappede	n.º 1
[007]	Item un'altra portiera	n.º 1
[008]	Item alla camera alla porta la sua portiera	n.º 1
[009]	Letto con li suoi finimenti	n.º 1
[010]	Item una spaliera	n.º 1
[011]	Item uno banchaletto	n.º 1
[012]	Forciero	n.º 1
[013]	Casse con certe robbe de poca valuta	n.º 1

Item in l'altra camera in capo le scale, quale serve per cucina con tutti l'instrumenti de ramo spetanti alla cucina /

[014]	Bancali	n.º 2
[015]	Capifuochi para In la sala di sopra	n.º 1
[016]	Matarazi	n.º 2
[017]	Feltri balle	n.º 4
[018]	Lettiera	n.º 1
[019]	Matarazo In un'altra stanza	n.º 1
[020]	Casse de candele	n.º 2
[021]	Item casse grande dove vi sonno li detti matarazi Item in la stantia di sopra	n.º 2
[022]	Quatro balle de robbe marcantile, qual disse esser de uno mercante	n.º 4
[023]	Balle de cordovani a l'intrada, dice essere de uno levantino	n.º 14

Dominus Jacobus Ferrarius de Ancona sponte vocavit penes se habere et tenere in depositum supradictas res ad omnem ipsius domino Jacobi Periculum et illas semper et quandocumque fuerit requisitum representare magistro domino commissario pro quibus omnibus et singulis utsupra firmiter observandis obligavit se principaliter eius bona mobilia in ampliori forma Camere, rogans me notarium, renuntians, prout in filza dictorum inventariorum. Presentibus Natale Lupi cimatore habitatore Ancone et Simone Alegretti de Jadra testibus.

Merce del dottore Barboso.

[024]	Cordovani balle	n.º 8
[025]	Balle de montoni bianchi	n.º 7
[026]	Per conto de Zanuro e Gagi hebrei de Sanlunichio e Monastero balle de feltri	n.º 31
[027]	Per conto de Juda Abeiacar cordovani e montoni balle	n.º 4
[028]	Per conto de Mesulo hebreo de Monasterio balle de cordovani	n.º 2
[029]	Per conto de Daniele da Ferrara balle de tella cruda	n.º 4

**Documento 3**

Inventário dos bens de Joseph Molcho.

[Ancona], 26-VIII-1555.

**[fl. 35v.]**

Die 26 augusti 1555. Inventarium rerum aromatarium repertarum in apoteca aromatarie magistri Josef Molcho hebrei levantini [sic] factum per me Franciscum Nobilem de commissione reverendissimi domini commissarii ad instantiam Johannis Julii de Monticulo.

Imprimis cassono de noce con il suo banco da scrivere

<b>[001]</b>	bellanze da pesare e suoi pesi	n.º 1
<b>[002]</b>	Scatole de simplici	n.º 107
<b>[003]</b>	Vase de siropi olio e medicine	n.º 140
<b>[004]</b>	Vassetti da pinoli piccoli	n.º 34
<b>[005]</b>	Cassia in canna libre	n.º 4 onze 3
<b>[006]</b>	Mortali de bronzo con li suoi pistilli	n.º 2
<b>[007]</b>	Reubarbaro pezze d'onze	n.º 8
<b>[008]</b>	Stagnati	n.º 2
<b>[009]</b>	Infilze di sponghe	n.º 2
<b>[010]</b>	Candelle de ciera bianca	n.º 14
<b>[011]</b>	Bossolo de tiriacha quale è meglio	n.º 1

Que bona fuerunt relicta in dicta apoteca ubi in primis foderant et hostium cum clave clausum. Presentibus Picione et dicto Johanne Julio testibus.

**Resumo:** Os autos-de-fé de Ancona, entre Abril e Junho de 1556, durante o pontificado de Paulo IV, constituíram um dos episódios mais trágicos da diáspora sefardita na Península Itálica, no qual foram martirizados cerca de três dezenas de judeus portugueses. Os comissários papais começaram por apreender, inventariar e avaliar os bens de inúmeros membros da comunidade judaico-portuguesa, entre os meses de Agosto e Novembro de 1555, pouco depois da ascensão do cardeal Carafa ao sólio pontifício. Entre aqueles que viram os seus bens arrolados (subsistem 48 inventários), encontram-se dois reputados médicos, Amato Lusitano e Francisco Barbosa, e um boticário, Joseph Molcho, um dos mártires dos autos-de-fé. Este trabalho pretende fazer a contextualização destes acontecimentos, centrada na situação particular vivida por estas três figuras da Nação Portuguesa, bem como proceder ao estudo circunstanciado dos inventários dos seus bens. Raros testemunhos documentais dos ambientes domésticos e profissionais construídos por estas figuras da comunidade judaico-portuguesa, permitem estes inventários um conhecimento intimista e um acesso privilegiado, mesmo que mera aproximação, às suas actividades e personalidades, pelo tipo de objectos que escolheram ou puderam reunir em torno de si ou dos seus núcleos familiares.

**Palavras-chave:** Amato Lusitano; Francisco Barbosa; Joseph Molcho; Nação Portuguesa; Ancona; Inquisição; Inventários.

**Resumen:** Los autos de fe de Ancona que tuvieron lugar entre abril y junio del 1556, durante el pontificado de Pablo IV, supusieron uno de los episodios más trágicos de la diáspora sefardí en la Península Itálica; unos treinta judíos portugueses sufrieron en ellos martirio. Los comisarios papales empezaron por la aprehensión, inventario y evaluación de los bienes de numerosos miembros de la comunidad judía portuguesa entre los meses de agosto y noviembre de 1555, poco después de la ascensión del cardenal Carafa al solio pontificio. Entre los que tuvieron inscritos sus bienes (se conservan 48 inventarios) se encuentran dos prestigiosos médicos, Amato Lusitano y Francisco Barbosa, y un boticario, Joseph Molcho, uno de los mártires de los autos de fe. Este trabajo tiene por objetivo contextualizar estos acontecimientos centrándose en la situación particular vivida por estas tres figuras de la Nación Portuguesa, así como proceder al estudio detallado de los inventarios de sus bienes. Estos inventarios, raros testimonios documentales de los ambientes domésticos y profesionales creados por estas figuras de la comunidad judía portuguesa, permiten un acceso privilegiado (aun que

simple aproximación) a sus actividades y personalidades, y por ello un íntimo conocimiento de ellas, a través del tipo de objetos que escogieron o pudieron reunir en su entorno o en el de sus núcleos familiares.

**Palabras clave:** Amato Lusitano; Francisco Barbosa; Joseph Molcho; Nación Portuguesa; Ancona; Inquisición; Inventarios.

**Résumé:** Les autodafés d'Ancône, réalisés entre avril et juin 1556, pendant le pontificat de Paul IV, ont été un des épisodes les plus tragiques de la diaspora sephardite en péninsule italienne, puisqu'environ trois dizaines de juifs portugais y ont été martyrisés. Entre les mois d'août et de novembre 1555, peu de temps après l'ascension au pouvoir papal du cardinal Carafa, les commissaires papaux ont commencé par saisir, inventorier et évaluer les biens d'innombrables membres de la communauté judéo-chrétienne. Deux médecins réputés se trouvent parmi ceux qui ont vu leurs biens être saisis (il reste 48 inventaires), Amato Lusitano et Francisco Barbosa, et un apothicaire, Joseph Molcho, un des martyres des autodafés. Dans ce travail nous procédons à une contextualisation de ces événements, celle-ci étant essentiellement centrée sur la situation particulière de ces trois personnalités de la Nation Portugaise, et à l'étude détaillée des inventaires de leurs biens. Rares preuves documentaires écrites de les milieux domestiques et professionnels créés par ces hommes appartenant à la communauté judéo-portugaise, ces inventaires, en fonction du type d'objets choisis, ou ayant été réunis autour de leurs familles, de fournir une connaissance intimiste et de donner un accès privilégié à leurs activités et à leur personnalité.

**Mots-clé:** Amato Lusitano; Francisco Barbosa; Joseph Molcho; Nation Portugaise; Ancône; Inquisition; Inventaires.